

DIOGO MAINARDI

A QUESDA

As memórias
de um pai
em 424 passos



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DIOGO MAINARDI

A Q U E D A

As memórias
de um pai
em 424 passos



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

1

Tito tem uma paralisia cerebral.

2

Eu imputo a paralisia cerebral de Tito a Pietro Lombardo.

Em 1489, Pietro Lombardo arquitetou a Scuola Grande di San Marco. E foi a Scuola Grande di San Marco, arquitetada por Pietro Lombardo, que acarretou a paralisia cerebral de Tito.

3

Em 30 de setembro de 2000, minha mulher e eu nos encaminhamos ao hospital de Veneza, no Campo Santi Giovanni e Paolo. O parto de nosso filho ocorreria naquele dia. Nome de minha mulher: Anna. Nome de nosso filho: sim, Tito.

Quando chegamos ao Campo Santi Giovanni e Paolo, à altura da estátua de Bartolomeo Colleoni, Anna disse:

— Estou com medo do parto.

Ela já manifestara o mesmo temor nas semanas anteriores, porque o hospital de Veneza, que agora se erguia à nossa frente, era conhecido por seus erros médicos.

Contemplei sua fachada por um instante.

O hospital de Veneza instalara-se no prédio da Scuola Grande di San Marco em 1808. A fachada arquitetada por Pietro Lombardo, em 1489, tornara-se sua porta de entrada.

Respondi:

— Com esta fachada, aceito até um filho deforme.

4

O hospital de Veneza errou no parto de Tito. O erro no parto acarretou sua paralisia cerebral.

5

Ezra Pound. *ABC da Literatura*:

Pietro Lombardo tem muito mais valor do que toda a escultura produzida na Itália entre 1600 e 1950.

Fui mais longe do que Ezra Pound. O que respondi à minha mulher, contemplando a fachada da Scuola Grande di San Marco, só pode ser interpretado da seguinte maneira:

— Pietro Lombardo tem muito mais valor do que a paralisia cerebral de meu filho.

6



7

Na imagem anterior, *Campo Santi Giovanni e Paolo*.

O quadro é de Antonio Canal — ou Canaletto. É de 1725.

Anna e eu, unidos um ao outro, como dois siameses, estamos à altura da estátua de Bartolomeo Colleoni, a caminho da Scuola Grande di San Marco, porta de entrada do hospital de Veneza, onde se realizaria o parto de Tito.

8

Como fui parar em um quadro de Canaletto?

Eu sempre estive ali. Eu sempre estarei ali. O quadro de Canaletto é minha natividade particular. Ele captura o momento em que meu destino foi revelado. Desde o nascimento de Tito, em 30 de setembro de 2000, tornei-me um homem miniaturizado, sem rosto e sem identidade, como no quadro de Canaletto. O que me caracteriza é a paternidade. Sou apenas um homem que acompanha eternamente a própria mulher ao parto de seu filho.

Sou o pai de Tito. Só existo porque Tito existe.

9

Ezra Pound, além de louvar Pietro Lombardo em *ABC da Literatura*, louvou-o também em *Os Cantos*.

Em particular, no *Canto XLV*, intitulado *Com a Usura*.

Linhas 27 e 28:

**Pietro Lombardo
não se fez com a usura**

10

A usura, segundo Ezra Pound, era um “pecado contra a natureza”. Ela tinha o poder de corromper a humanidade, impedindo o florescimento da arte.

No *Canto XLV*, Pietro Lombardo encarna o ideal de beleza artística. O Mal, representado pela usura, é incapaz de gerar o Bem, representado pela arquitetura de Pietro Lombardo.

Contemplando a Scuola Grande di San Marco, antes do nascimento de Tito, fui tomado pelo mesmo estetismo abastalhado de Ezra Pound.

O hospital de Veneza era conhecido por seus erros médicos. Em vez de recorrer a um hospital mais seguro, em Mestre ou em Pádua, limitei-me a achincalhar a possibilidade de ter um filho deforme.

Eu só conseguia associar a arte perfeita de Pietro Lombardo a um parto igualmente perfeito. Porque o Bem, representado pela arquitetura de Pietro Lombardo, jamais poderia gerar o Mal, representado por um erro de parto.

11

Ezra Pound, *Canto XLV*, linha 42:

A usura mata a criança no ventre

Quem tentou matar Tito no ventre, asfixiando-o, foi o herói dos versos de Ezra Pound, Pietro Lombardo.

12

De Ezra Pound ao Xbox.

O herói do jogo *Assassin's Creed II*, Desmond Miles, volta no tempo e encarna a figura de um nobre italiano do final do século XV, Ezio Auditore da Firenze, que percorre Veneza eliminando os assassinos que asfixiaram seu pai. Um dos lugares pelos quais ele tem de passar é a Scuola Grande di San Marco.

Sou o Desmond Miles da paralisia cerebral. Volto à Veneza do final do século XV e, como Ezio Auditore da Firenze, viro a Scuola Grande di San Marco em busca de pistas que me conduzam aos assassinos que asfixiaram Tito.

13



14

Na imagem anterior, Ezio Auditore da Firenze, postado diante da Scuola Grande di San Marco, pronto para exterminar seus inimigos.

As pistas que permitem prosseguir o jogo (pressione a tecla Y para obter a *Eagle Vision*) podem ser encontradas atrás do arco superior.

15

John Ruskin. *As Pedras de Veneza*:

Os dois modelos mais refinados do Primeiro Renascimento veneziano foram a Igreja dei Miracoli e a Scuola Grande di San Marco.

A Scuola Grande di San Marco — eu já disse — foi projetada por Pietro Lombardo. A Igreja dei Miracoli — estou dizendo agora — também foi projetada por ele.

Se imputo a Pietro Lombardo a paralisia cerebral de Tito, tenho de imputá-la em igual medida a John Ruskin, que me passou todas as pistas para interpretar a arquitetura de Pietro Lombardo. Contemplando a Scuola Grande di San Marco, alguns momentos antes de entrar no hospital de Veneza, eu só soube ver o que John Ruskin viu antes de mim.

16

O que John Ruskin, com sua *Eagle Vision*, viu antes de mim:

O método de revestimento em mármore e as formas dos arcos e das colunas tinham como modelo os edifícios do século XII.

A Scuola Grande di San Marco, com seus elementos que remetiam nostálgicamente à arquitetura do século XII, inseria-se naquilo que John Ruskin, em *As Pedras de Veneza*, chamou de Renascimento bizantino.

Para John Ruskin, assim como para mim, o melhor de Pietro Lombardo era seu caráter regressista. Para John Ruskin, assim como para mim, o melhor de Pietro Lombardo era seu reacionarismo inconformista.

17

Em 1853, John Ruskin publicou o terceiro e último volume de *As Pedras de Veneza*, intitulado *A Queda*.

A arquitetura de um lugar, segundo ele, tinha o poder de moldar o destino de seus habitantes. Dessa maneira, a arquitetura bizantina do século XII e a arquitetura gótico-bizantina dos séculos XIII, XIV e XV haviam determinado a superioridade intelectual e moral dos venezianos, assegurando sua hegemonia comercial e militar. Por outro lado, a arquitetura renascentista, que exterminara a arquitetura gótico-bizantina a partir do século XVI, representara uma época corrompida pelo sentimento de soberba. O mesmo sentimento de soberba que, de acordo com John Ruskin, acabara por arruinar a cidade, destinando-a a um longo período de declínio.

Sim: *A Queda*.

John Ruskin indicou os elementos mais daninhos — ou os “elementos imorais”, que contrariavam as “leis do Espírito” — manifestados pela arquitetura do Renascimento: o Orgulho da Ciência, o Orgulho do Estado, o Orgulho do Sistema.

18

Se a arquitetura de um lugar realmente tem o poder de moldar o destino de seus habitantes, como argumentou John Ruskin, posso dizer que a fachada da Scuola Grande di San Marco moldou o nascimento de Tito.

Com suas colunas isoladas, com seus arcos assimétricos, com seus ornamentos grotescos, com seus mármore coloridos, a Scuola Grande di San Marco remetia a um passado bizantino, incontaminado pelo sentimento de soberba do Renascimento.

Retornando a John Ruskin: a arquitetura de Pietro Lombardo, na fachada da Scuola Grande di San Marco, exaltava as “leis do Espírito”, repudiando o Orgulho

da Ciência, o Orgulho do Estado, o Orgulho do Sistema.

O nascimento de Tito também foi assim.

Orgulho da Ciência? Um erro médico causou sua paralisia cerebral. Orgulho do Estado? O hospital de Veneza é público. Orgulho do Sistema? O sistema, com suas regras, com suas normas e com seus procedimentos, falhou — falhou repetidamente — durante o nascimento de Tito.

19



20

Na imagem anterior, Le Corbusier, como Ezio Auditore da Firenze, postado diante da Scuola Grande di San Marco, pronto para exterminar a arquitetura de

Pietro Lombardo.

Sim: *A Queda*.

21

Nasci em 22 de setembro de 1962.

No mesmo dia, Le Corbusier recebeu um convite para arquitetar o novo hospital de Veneza, que seria transferido da Scuola Grande di San Marco para a área do matadouro de San Giobbe.

Um fato ocorrido no dia de meu nascimento, portanto, poderia ter alterado o nascimento de Tito.

A história de Tito é assim: circular.

22

Segundo Le Corbusier, as ruas e os campos de Veneza reproduziam o funcionamento do sistema cardiovascular, com suas artérias e seus ventrículos.

O hospital projetado por ele inspirava-se no mesmo modelo: tratava-se de um grande sistema cardiovascular, formado por uma série de apavorantes blocos de cimento armado, ligados por uma rede de rampas e pontes.

Seis meses depois de apresentar seu projeto, Le Corbusier entrou no mar e morreu. As artérias e os ventrículos de cimento armado de seu sistema cardiovascular oportunamente pararam de funcionar.

Seu projeto para o hospital de Veneza foi sepultado.

23

O Bem, representado pela arquitetura de Pietro Lombardo, gerou o Mal, representado por um erro de parto. E o Mal, representado pela arquitetura de Le Corbusier, teria gerado o Bem, porque se seu projeto para o hospital de Veneza houvesse sido executado, eu teria escolhido outro lugar para realizar o parto de Tito.

24

Agora moramos no Rio de Janeiro.

Tito caminha todos os dias na praia de Ipanema. Hoje ele deu duzentos e dezoito passos sem cair. Depois caiu. Ele sempre cai. A areia impede que ele se arrebente. Ele pode cair sem esfolar os joelhos e sem espatifar os dentes.

Assim como a Scuola Grande di San Marco, a espasticidade de Tito remete-o ao passado, paralisando seu amadurecimento motor. Eu me encanto com cada detalhe bizantino de sua motricidade.

Assim como a Scuola Grande di San Marco, Tito tenta resistir à queda. Ele sempre cai. Ele sempre cai gargalhando.

25



26

Na imagem anterior, um dos duzentos e dezoito passos de Tito em Ipanema.

O que eu disse a Anna, contemplando a Scuola Grande di San Marco, alguns instantes antes de entrar no hospital de Veneza, realizou-se plenamente:

— Com esta fachada, aceito até um filho deforme.

Eu aceitei a paralisia cerebral de Tito.

Aceitei-a com naturalidade. Aceitei-a com deslumbramento. Aceitei-a com entusiasmo. Aceitei-a com amor.

No dia do nascimento de Tito, Anna e eu passamos pelo portal da Scuola Grande di San Marco e atravessamos seu antigo átrio.

A Scuola Grande di San Marco foi, por mais de quinhentos anos, a maior irmandade laica de Veneza.

Além de acolher seus membros quando eles adoeciam ou caíam na miséria, ela acolhia também, naquele seu átrio, os moradores mais pobres da cidade, garantindo-lhes um apoio vital em épocas de epidemia, de carestia e de guerra.

Napoleão Bonaparte ocupou Veneza em 1797. Algum tempo depois, coroou-se seu Imperador.

Um de seus primeiros atos foi dismantelar a Scuola Grande di San Marco e transformá-la em hospital militar.

O hospital militar de Napoleão Bonaparte, inaugurado em 1808, foi o predecessor do hospital público em que ocorreria o parto de Tito.

Imputo a Pietro Lombardo e a John Ruskin a paralisia cerebral de Tito.

Imputo-a igualmente a Napoleão Bonaparte, sem o qual a Scuola Grande di San Marco jamais teria se transformado no hospital de Veneza.

A Queda da Bastilha resultou na Queda da Sereníssima República. A Queda da Sereníssima República resultou nas quedas de Tito.

32



33

Na imagem anterior, a Queda da Bastilha.

34

A Scuola Grande di San Marco tinha dois andares.

O átrio, no térreo, atualmente está deserto. Só há, à direita de quem entra, a portaria do hospital.

Anna e eu passamos por ela rumo à maternidade.

A sala dell'Albergo, no primeiro andar, tinha quadros de Giovanni Bellini, Paris Bordon e Jacopo Palma, il Vecchio.

Eles foram saqueados por Napoleão Bonaparte.

A sala capitular, ao lado da sala dell'Albergo, era decorada com quatro quadros de Jacopo Tintoretto.

Eles também foram saqueados por Napoleão Bonaparte.

Agora o primeiro andar da Scuola Grande di San Marco é ocupado pela biblioteca do hospital de Veneza.

A biblioteca reúne inúmeras raridades da literatura médica do século XVI.

De todas elas, a única que me importa é: *Como o Homem Pode Viver Mais de 120 Anos*, de Tommaso Rangone.

Tommaso Rangone foi a maior autoridade da Scuola Grande di San Marco — seu *guardian grande*.

Em 1550, ele publicou o manual médico *Como o Homem Pode Viver Mais de 120 Anos*.

Para chegar a essa idade, segundo ele, era preciso renunciar a uma série de alimentos danosos à saúde: alface, escarola, repolho, rúcula, alcachofra, cenoura, uva, figo, melancia, enguia, leite e queijo. O alho lesava rins e ouvidos. O manjerição nutria os piolhos. O esturjão matava as crianças no ventre.

O esturjão de Tito foi a Scuola Grande di San Marco.

Antes de ser nomeado *guardian grande* da Scuola Grande di San Marco, Tommaso Rangone fora o astrólogo pessoal do comandante das tropas papais em Modena.

Em 1522, ele profetizou que dali a dois anos, em 1524, ocorreria um Dilúvio Universal, porque os planetas estariam alinhados sob o signo de Peixes, como nos

tempos de Noé. A profecia falhou. Ele foi pichado nos muros da cidade. Pietro Aretino chamou-o de “abestalhado”.

Tommaso Rangone trocou de identidade — seu nome de batismo era Tommaso Giannotti —, mudou-se para Veneza e, a partir daquele momento, passou a apresentar-se como médico, prometendo prolongar a vida de seus pacientes até os cento e vinte anos.

39

Quatro séculos e meio antes dos erros cometidos no parto de Tito, portanto, Tommaso Rangone já associara a Scuola Grande di San Marco às piores imposturas médicas.

40

Como o Homem Pode Viver Mais de 120 Anos foi dedicado ao papa Júlio III. Em sua dedicatória, Tommaso Rangone profetizou-lhe uma longa vida. A profecia, como notou ironicamente Giacomo Leopardi, falhou. Júlio III morreu cinco anos mais tarde, aos sessenta e sete anos de idade.

41

Giacomo Leopardi aludiu a Tommaso Rangone em um de seus *Opúsculos Morais*, intitulado *Diálogo de um Físico e de um Metafísico*:

FÍSICO: Eureka! Eureka!

METAFÍSICO: O que foi? O que descobriu?

FÍSICO: A arte de viver longamente; viverei pela eternidade; conquistarei a glória imortal.

42

Com a promessa de prolongar a vida de seus pacientes até os cento e vinte anos, Tommaso Rangone acumulou uma grande fortuna. Ele se serviu dessa grande fortuna para tentar conquistar a vida eterna e a glória imortal, como o personagem de Giacomo Leopardi.

Tommaso Rangone descobriu — *Eureka! Eureka!* — que a melhor maneira de se eternizar e de se imortalizar era mandar reproduzir sua imagem em obras

eternas e imortais.

Ele pagou para que Jacopo Sansovino ornasse com sua estátua o portal da Igreja de San Giuliano. Ele pagou para que Alessandro Vittoria esculpisse seu busto para a Igreja de San Geminiano. Ele pagou para que Jacopo Tintoretto o retratasse nos quatro quadros encomendados para decorar a sala capitular da Scuola Grande di San Marco.

43

No primeiro quadro, *Miracolo di San Marco che Salva lo Schiavo*, de 1548, Jacopo Tintoretto representou Tommaso Rangone como uma simples testemunha do evento milagroso, retratando-o recatadamente na margem esquerda da tela.

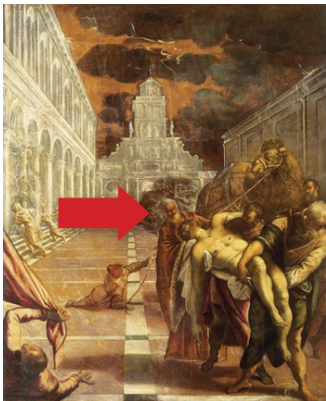
Nos quadros seguintes, porém, encomendados catorze anos depois, por oitenta ducados cada um, Jacopo Tintoretto rompeu todas as normas da época e retratou Tommaso Rangone como o verdadeiro protagonista dos milagres do santo.

Em *San Marco Salva un Saraceno*, Tommaso Rangone — como um herói do Xbox — volta no tempo e, a bordo de um bote, remando vigorosamente, ajuda o evangelista a resgatar um naufrago no mar tormentoso.

Em *Ritrovamento del Corpo di San Marco*, Tommaso Rangone volta no tempo e, rezando de joelhos na catedral, é orientado diretamente pela alma do santo.

Em *Trafugamento del Corpo di San Marco*, Tommaso Rangone, em Alexandria, volta no tempo e comanda o roubo do corpo do mártir durante uma tempestade celestial.

44



45

Na imagem anterior, *Trafugamento del Corpo di San Marco*.

O quadro é de Jacopo Tintoretto. É de 1562.

Em destaque, o retrato de Tommaso Rangone.

46

Nos quadros realizados por Jacopo Tintoretto para a Scuola Grande di San Marco, Tommaso Rangone foi representado como um agente do santo milagroso. O fato de ser um agente do santo milagroso conferia-lhe uma aura de médico igualmente milagroso.

Com seu talento único — e a um custo de oitenta ducados para cada quadro —, Jacopo Tintoretto eternizou e imortalizou a charlatanice médica, personificada por Tommaso Rangone e materializada no parto de Tito, ocorrido naquele mesmo local, quatrocentos e cinquenta anos depois.

Orgulho da arte?

Em *Trafugamento del Corpo di San Marco*, um homem de barba, em segundo plano, no lado direito da tela, à sombra, junto do camelo, acompanha atentamente a cena.

Trata-se do próprio Jacopo Tintoretto.

Ele retratou-se como um espectador do roubo do corpo do evangelista exatamente da mesma maneira que Alfred Hitchcock se retratou como o empregado de um estaleiro em *Vertigo*.

Vertigo.

Quando Tito caminha, seus músculos se contraem. Quando seus músculos se contraem, ele se apavora. Quando ele se apavora, seus músculos se contraem ainda mais.

Vertigo, no Brasil, foi traduzido como *Um Corpo que Cai*. Tito é um corpo que cai.

Cada passo dado por Tito é igual a um degrau escalado por James Stewart, no campanário de San Juan Bautista. Sim: falta Alfred Hitchcock. Sim: falta Kim Novak. Sim: falta a tri-lha sonora de Bernard Herrmann. O resto — eu já disse — é igual. Os olhos arregalados. A boca aberta. A língua seca. As pernas rígidas. O suor escorrendo pelas costeletas. O zoom in. O zoom out.

Nas últimas cenas de *Vertigo*, James Stewart finalmente supera o medo de altura e sobe o campanário de San Juan Bautista.

Ele diz:

— Consegui.

Tito, de degrau em degrau, também está conseguindo.

No fim de *Vertigo*, Kim Novak cai do campanário de San Juan Bautista. Ela cai e morre. James Stewart sobrevive. Tito é James Stewart. Ele cai e sobrevive.

Dane-se Kim Novak



Na imagem anterior, Tito como James Stewart, em *Vertigo*: cambaleante, delirante, em meio a espirais caleidoscópicas, com o rosto verde.

Tito nasceu verde.

Vi-o pela primeira vez em um dos claustros do hospital de Veneza. Eu acabara de conversar com o pediatra que acompanhara seu nascimento. Ele dissera que Tito permanecera sem ar por tempo demais. Ele dissera também que Tito morreria.

Voltando à maternidade, depois de conversar com o pediatra, cruzei com um menino recém-nascido em uma incubadora. O menino recém-nascido na incubadora estava no corredor de um claustro, estacionado em um canto. Ninguém o atendia. Onde está o médico? Onde está o enfermeiro? Onde está o pai?

Olhei-o de relance. Olhei-o novamente. Ele estava imóvel, com o corpo mole e um tubo no nariz. Seu rosto era verde. Li seu nome escrito em um esparadrapo colado na tampa da incubadora: “Mingardi”.

Mingardi era igual a mim. Eu era igual a Mingardi. O menino recém-nascido na incubadora era meu filho. Mingardi era Mainardi. Até nisso o hospital de Veneza errou: em seu nome.

Olhei Tito pela última vez. Seu rosto era igual ao meu — só que o dele era verde.

53

Até aquele momento, eu sempre pensara que, se meu filho permanecesse em estado vegetativo, eu esperaria que ele morresse.

Depois do primeiro contato com Tito no corredor do claustro do hospital de Veneza, tudo se transformou. Eu só queria que ele sobrevivesse, porque eu o amaria e o acudiria de qualquer maneira.

Entre a vida e a morte, aferrei-me à vida.

54

Tito, com o rosto verde, dentro da incubadora, estacionado no corredor de um claustro do hospital de Veneza, estava à espera de uma lancha que o transferisse à UTI neonatal mais próxima dali, no hospital de Pádua.

55

No hospital de Pádua, em 1739, George Macaulay formou-se como médico obstetra. Algum tempo depois, estabeleceu-se em Londres e, em 1756, no hospital de Brownlow Street, foi o pioneiro de um procedimento cirúrgico conhecido como amniotomia.

Uma amniotomia ruinosa, dois séculos e meio mais tarde, mandou Tito diretamente para a UTI do hospital de Pádua.

O que saiu do hospital de Pádua retornou ao hospital de Pádua.

A história de Tito é assim: circular.

56

O procedimento obstétrico introduzido por George Macaulay consistia em romper artificialmente o saco amniótico, no útero das gestantes, para tentar acelerar o trabalho de parto.

Depois de debater com seus colegas os aspectos éticos do procedimento, George Macaulay fez sua primeira amniotomia — na mulher do dono de um armário — empregando um arame de prata.

57

Em 30 de setembro de 2000, Anna e eu atravessamos o átrio da Scuola Grande di San Marco, viramos à direita, passamos por um claustro, subimos uma rampa de escadas e chegamos à maternidade do hospital de Veneza.

Uma obstetra — *dottorressa* F — resolveu acelerar o nascimento de Tito por meio de uma amniotomia.

Sem se preocupar minimamente com os aspectos éticos do procedimento, ela foi logo rompendo o saco amniótico no útero de Anna com um instrumento conhecido como amniotomo.

58



59

Na imagem anterior, um amniotomo.

Eu imputo a paralisia cerebral de Tito a Pietro Lombardo, a John Ruskin, a Napoleão Bonaparte e a um amniotomo.

60

Por que a *dottorressa* F tentou acelerar o nascimento de Tito?

Era sábado. Ela queria encerrar o quanto antes seu turno de trabalho.

61

Os erros cometidos pela *dottoressa* F no nascimento de Tito foram abundantemente documentados em nosso processo contra o hospital de Veneza.

A amniotomia só é recomendada quando a gestante já iniciou o trabalho de parto e está com o colo do útero dilatado pelo menos quatro centímetros. O colo do útero de minha mulher, no momento em que a *dottoressa* F realizou sua amniotomia, ainda estava — foi o termo empregado no prontuário médico — “impervio”.

A amniotomia só é recomendada também quando o cocuruto do nascituro já está devidamente posicionado no canal do parto. O cocuruto de Tito, no momento em que a *dottoressa* F realizou sua amniotomia, estava longe dali, “muito alto (–3 cm) e móvel”.

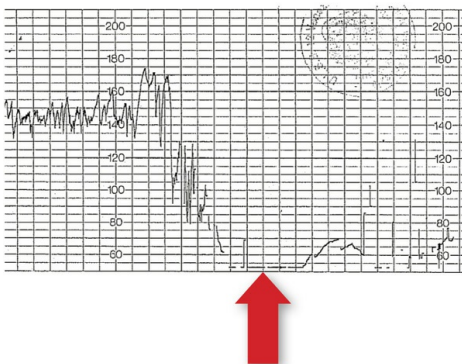
62

A amniotomia realizada pela *dottoressa* F foi descrita pelos peritos como “totalmente imprópria, inoportuna e perigosa”.

O maior perigo associado a uma amniotomia imprópria e inoportuna é o chamado prolapso do cordão umbilical. Foi o que ocorreu com Tito. Quando a *dottoressa* F rompeu o saco amniótico no útero de Anna, o cordão umbilical de Tito foi esmagado e ele sofreu uma asfixia.

A asfixia causou um dano cerebral. O dano cerebral atingiu seu aparelho motor, gerando a espasticidade.

63



64

Na imagem anterior, a linha do aparelho de monitoramento indica o momento exato em que a asfixia provocou a queda dos batimentos cardíacos de Tito.

Foi a primeira de suas quedas. A queda original.

65

William John Little foi o precursor do estudo da paralisia cerebral.

Em 1844, depois de analisar vinte e quatro meninos espásticos, ele publicou um texto intitulado *Deformidades do Corpo Humano*, argumentando pela primeira vez que “a rigidez espasmódica dos nascituros, com contraturas musculares e deformidades nos membros, decorria de um dano cerebral causado pela asfixia do feto imediatamente antes ou durante o trabalho de parto”.

66

Alguns anos mais tarde, em 1861, na Obstetrical Society, em Londres, William

John Little, baseado na análise de mais sessenta meninos espásticos, repetiu que a paralisia cerebral era o resultado de uma asfixia durante o parto.

Para ilustrar a tese, ele citou o protagonista de *Ricardo III*, de William Shakespeare.

Ricardo III, segundo William John Little, tinha uma paralisia cerebral.

67

William Shakespeare chamou Ricardo III de “deforme”. Ele o chamou também de “inacabado”, “incompleto”, “imperfeito”, “torto”, “anormal”, “massa informe”, “sapo venenoso” e “cachorro sangrento”.

Ricardo III tinha “uma perna menor do que a outra”. Ele tinha os membros “mirrados como ramos secos”. Ele tinha uma concunda “igual a uma montanha”. Ele era “desproporcional em todas as partes do corpo”.

William Shakespeare imputou essas deformidades a um parto prematuro.

Ele narrou que Ricardo III fora “mandado antes do tempo para o mundo dos vivos”. Ele narrou igualmente que Ricardo III fora “rejeitado pelo ventre materno”.

Na Obstetrical Society, William John Little, citando a obra de William Shakespeare, diagnosticou que o parto prematuro de Ricardo III acarretara uma asfixia. E que a asfixia causara uma paralisia cerebral.

68

William John Little, assim como Ricardo III e Tito, era deforme.

Ele tinha o pé equino, em virtude de uma poliomielite. Um homem com pé equino foi o primeiro grande estudioso dos meninos com pés equinos.

69

Para William Shakespeare, o corpo deformado de Ricardo III espelhava seu caráter deformado. Sua paralisia cerebral espelhava sua maldade.

Nos primeiros atos de *Ricardo III*, ele assassina nove personagens, incluindo alguns de seus parentes mais próximos e sua mulher.

No último ato, os fantasmas dos nove personagens assassinados surgem durante um sonho para assombrá-lo.

70

Tito foi meu Ricardo III. Tito foi meu sapo venenoso.

Ele tomou meu trono. Ele dominou meu reino. Depois de seu nascimento, tornei-me um fantasma que gira em torno dele.

71



72

Na imagem anterior, Vincent Price em *Tower of London*.

O filme é de Roger Corman. É de 1962.

Vincent Price é Ricardo III: deforme, cambaleante, espástico, com o rosto verde.

73

No processo contra o hospital de Veneza, detalhamos o nascimento de Tito de minuto a minuto, a partir dos dados do aparelho de monitoramento:

12h35

Normal.

12h40

A agulha do aparelho de monitoramento oscilou bruscamente. Chamei a enfermeira, imaginando tratar-se do primeiro sinal do trabalho de parto. Na verdade — como eu já disse —, foi o primeiro sinal da asfixia que causou a paralisia cerebral de Tito.

A enfermeira tentou encontrar a *dottoressa* F por telefone, mas foi incapaz de localizá-la. Resolveu ir buscá-la pessoalmente. Alguns minutos mais tarde, as duas retornaram juntas.

12h46

A *dottoressa* F desligou o aparelho de monitoramento.

12h55

A *dottoressa* F ligou outro aparelho de monitoramento.

A enfermeira explicou-me que uma daquelas máquinas falhara na semana anterior. No nascimento de Tito, a única a falhar foi a *dottoressa* F. Como indicara corretamente o aparelho de monitoramento, Tito estava morrendo.

13h05

Anna finalmente foi conduzida à sala de parto.

74

Tito nasceu quarenta e cinco minutos depois da primeira queda de seus batimentos cardíacos. Segundo os peritos médico-legais, um parto cesáreo emergencial, como o dele, teria de ocorrer em menos de vinte minutos.

Foi mais um erro cometido pela *dottoressa* F.

75

Em 1486, na Alemanha, o inquisidor Heinrich Kramer, da ordem dos Dominicanos, publicou seu *Malleus Maleficarum*.

O capítulo XIII tratava especificamente das “parteiras-feiticeiras que cometiam o mais medonho de todos os crimes quando assassinavam recém-nascidos”. Heinrich Kramer, no *Malleus Maleficarum*, recomendou que as parteiras-feiticeiras fossem presas e torturadas pela autoridade religiosa.

Nos últimos quinhentos anos, a prática da tortura caiu em desuso. Apesar de todos os erros cometidos durante o nascimento de Tito, quando uma parteira-feiticeira tentou assassiná-lo, só tive o direito de pedir ao hospital de Veneza um ressarcimento em dinheiro.

Em 1495, nove anos depois de publicar o *Malleus Maleficarum*, Heinrich Kramer transferiu-se para Veneza, onde foi recomendar a prática de tortura contra as parteiras-feiticeiras que assassinavam recém-nascidos.

Ele se hospedou no antigo convento dos Dominicanos, localizado no Campo Santi Giovanni e Paolo, atrás da Scuola Grande di San Marco, que acabara de ser arquitetada por Pietro Lombardo.

Em 1808, Napoleão Bonaparte expulsou todos os frades dali. O antigo convento dos Dominicanos foi anexado à Scuola Grande di San Marco e convertido em hospital militar, antes de ser transformado em hospital público.

O mesmo local que abrigou Heinrich Kramer em 1495, portanto, passou a abrigar, cinco séculos mais tarde, parteiras-feiticeiras como a *dottoressa* F.

A história de Tito é assim: circular.

O claustro em que vi Tito pela primeira vez, dentro da incubadora, com o rosto verde, pertencia ao antigo convento dos Dominicanos.

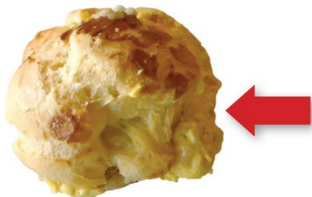
Naquela noite, Anna e eu dormimos em um de seus quartos.

Tito permaneceu sozinho, convulsionando na UTI neonatal do hospital de Pádua.

No dia seguinte, antes de seguir para o hospital de Pádua, passei rapidamente pela confeitaria Rosa Salva, localizada no Campo Santi Giovanni e Paolo, no lado oposto à Scuola Grande di San Marco.

Um dos fatores pelos quais eu insistira em que o parto de Tito ocorresse no hospital de Veneza, além da arquitetura de Pietro Lombardo, fora a proximidade com a confeitaria Rosa Salva.

Retornando a Tommaso Rangone: o alimento mais danoso à saúde de Tito — o alimento que quase o matou no ventre — foi o *bignè allo spumone di zabaione*.



80

Na imagem anterior, um *bignè allo spumone di zabaione*.

Eu imputo a paralisia cerebral de Tito a Pietro Lombardo, a John Ruskin, a Napoleão Bonaparte, a um amniotomo e, por último, ao *bignè allo spumone di zabaione* da confeitaria Rosa Salva.

81

Cheguei cedo à UTI do hospital de Pádua.

Tito estava em uma incubadora. Nada nele se movia. Um tubo pendia de uma artéria em seu pé. Outro tubo, ligado a um respirador, alargava-lhe grotescamente uma narina. Ele tinha eletrodos espalhados por todo o corpo, conectados a uma série de aparelhos. Ocasionalmente, um desses aparelhos emitia um alarme e os médicos da UTI corriam para controlá-lo. Sempre que isso ocorria, eu era tomado pelo temor de que Tito estivesse morrendo. O temor era desesperador. Era também um alento. Eu só conseguia ter certeza de que Tito ainda estava vivo quando temia que ele estivesse morrendo.

Para poder morrer, Tito tinha de estar vivo.

82

Passei o dia na UTI.

Acaricie o rosto de Tito. Ele permaneceu morto. Acaricie o peito de Tito. Ele permaneceu morto. Acaricie a perna de Tito. Ele permaneceu morto. Acaricie as costas de Tito. No momento em que acaricie suas costas, deu-se o inesperado. Subitamente, ele contorceu o corpo e arqueou a coluna.

Tito ressuscitou.

Chorei por meia hora. Depois de ter chorado por meia hora, chorei por uma hora. Depois de ter chorado por uma hora, chorei por duas horas.

83

No dia seguinte, retornei à UTI do hospital de Pádua.

Imediatamente, acariciei as costas de Tito. Ele arqueou-se com uma intensidade ainda maior do que no dia anterior.

Chorei por duas horas.

Ao parar de chorar, lembrei-me de *Abbott and Costello Meet Frankenstein*, quando o monstro, estendido em sua tumba, recebe uma descarga elétrica, arqueia violentamente o corpo e ressuscita.

Tito ressuscitou como o monstro de Frankenstein.

Chorei por mais duas horas.

84

Naquela noite, voltando de trem para Veneza, sozinho, observei que cada episódio de minha vida correspondia a um esquete de Abbott e Costello.

85

Gianni e Pinotto.

É assim que os italianos chamam Abbott e Costello.

Eles traduziram *Abbott and Costello Meet Frankenstein* como *Gianni e Pinotto e il Cervello di Frankenstein*.

Na semana que passei na UTI neonatal do hospital de Pádua, meu único assunto foi esse: *il cervello di Tito*.

Ou: o cérebro de Tito.

86

Em *Abbott and Costello Meet Frankenstein*, o conde Drácula, interpretado por

Bela Lugosi, quer transplantar o cérebro de Lou Costello para o monstro de Frankenstein, interpretado por Glenn Strange.

Deu certo com Tito.

Depois de ser submetido ao laboratório da *dottoressa* F, no hospital de Veneza, ele passou a unir o descontrole motor do monstro de Frankenstein ao temperamento galhofeiro de Lou Costello.

87

No hospital de Pádua, *il cervello di Tito* foi analisado por meio de ultrassons, de eletroencefalogramas, de ressonâncias magnéticas.

Nada de anormal foi detectado.

Nenhuma máquina, até hoje, revelou a origem de sua paralisia cerebral.

88

Lou Costello. *Abbott and Costello Meet Frankenstein*:

— Tenho este cérebro há trinta anos e, sinceramente, ele nunca me serviu para nada.

89

90

Na imagem anterior, *Abbott and Costello Meet Frankenstein*.

Glenn Strange é o monstro: deforme, cambaleante, espástico, verde.

91

Adolf Hitler, em 1939, recebeu uma carta de Richard Kretschmar, um lavrador de Leipzig.

Richard Kretschmar implorava a Adolf Hitler que o ajudasse a matar aquele que — na carta — ele chamava de “monstro”.

O “monstro” de Richard Kretschmar era seu filho Gerhard Kretschmar.

Gerhard Kretschmar nascera cego, maneta e pernetá. Ele nascera também, segundo seu pai, “idiota”.

92

Adolf Hitler ordenou que seu médico particular, Karl Brandt, fosse à Universidade de Leipzig e examinasse pessoalmente Gerhard Kretschmar.

No processo de Nuremberg, o próprio Karl Brandt relatou os eventos:

— Se os fatos referidos pelo pai fossem verdadeiros, eu deveria informar aos médicos que, em nome de Hitler, eles poderiam praticar uma eutanásia.

93

Karl Brandt, depois de examinar Gerhard Kretschmar, autorizou sua morte.

Em 25 de julho de 1939, aos cinco meses de idade, Gerhard Kretschmar — cego, maneta, pernetá e idiota — foi executado com uma alta dose de Luminal.

94

Em depoimento colhido trinta anos mais tarde, o pai de Gerhard Kretschmar, Richard Kretschmar, lembrou a “eutanásia” de seu “monstro” nos seguintes termos:

— Karl Brandt me explicou que o Führer estava muito, muito interessado no caso de meu filho. O Führer queria resolver o problema das pessoas desprovidas de um futuro, que tinham uma vida sem valor. Por isso, ele havia concedido a morte piedosa para nosso filho. Sucessivamente, poderíamos ter outros filhos, perfeitos e saudáveis, de que o Reich se orgulharia.

Orgulho do Estado?

95

O Ministério do Interior de Adolf Hitler, quatro semanas depois do assassinato de Gerhard Kretschmar, determinou que todos os recém-nascidos inválidos fossem denunciados às autoridades do regime.

O regulamento do Ministério do Interior mencionava, em particular, os

portadores de “mongolismo, de microcefalia, de hidrocefalia, de deformidades nos membros ou na coluna, e de paralisia, incluindo espasticidade”.

Sim: Tito.

96

Em 1º de setembro de 1939, começou a II Guerra Mundial.

No mesmo dia, Adolf Hitler assinou um memorando secreto regulamentando seu programa de eutanásia.

O memorando outorgava aos médicos a faculdade de “decidir se aqueles que tinham, segundo o melhor juízo humano, moléstias incuráveis poderiam beneficiar-se, depois de atentos exames diagnósticos, de uma morte piedosa”.

97

Morte piedosa. *Gnadentod*.

Eutanásia. *Euthanasie*.

Foram alguns dos termos usados pelo nazismo para legitimar o extermínio em massa dos recém-nascidos inválidos.

Vida sem valor. *Unwertes Leben*.

Vida inútil de ser vivida. *Lebensunwerten Leben*.

O programa de “eutanásia” de Adolf Hitler assegurava uma “morte piedosa” àqueles que tinham uma “vida sem valor” e uma “vida inútil de ser vivida”.

98



ADOLF HITLER

BERLIN. 1. Sept. 1939.

Reichsleiter B o u h l e r und
Dr. med. B r a n d t

sind unter Verantwortung beauftragt, die Befug -
nisse namentlich zu bestimmender Ärzte so zu er -
weitern, dass nach menschlichem Ermessen unheilbar
Kranken bei kritischster Beurteilung ihres Krank -
heitszustandes der Gnadentod gewährt werden kann.



99

Na imagem anterior, o memorando assinado por Adolf Hitler decretando a morte piedosa de Tito.

100

Na primeira fase do programa de eutanásia de Adolf Hitler, foram mortos cinco mil recém-nascidos inválidos.

O historiador Robert Jay Lifton publicou o testemunho de um dos médicos responsáveis pelas mortes, identificado simplesmente como *doktor F*:

— Aqueles que eram selecionados para morrer recebiam altas doses de Luminal. Eram meninos espásticos, incapazes de falar ou de caminhar. Quem os via de fora, imaginava que eles estavam dormindo. Na verdade, eles estavam morrendo.

101

Depois de ser selecionado para morrer pela *dottoressa F*, Tito foi internado na UTI do hospital de Pádua e recebeu altas doses de Luminal. Quem o via de fora, imaginava que ele estava morrendo. Na verdade, ele estava ressuscitando.

102

O programa de eutanásia involuntária de Adolf Hitler, denominado T4, ampliou-se rapidamente. Além de exterminar os recém-nascidos inválidos, passou a exterminar também, em sua segunda fase, os adultos inválidos, os doentes mentais, os epiléticos, os alcoólatras.

Seis hospitais foram convertidos em centros de extermínio, onde os médicos eram encarregados de eliminar os pacientes injetando-lhes uma mistura de morfina, de escopolamina, de curare e de cianureto.

103



104

Na imagem anterior, um dos paralisados cerebrais selecionados para morrer pelo programa T4.

105

Nos primeiros meses de 1940, no hospital de Brandemburgo, Karl Brandt assistiu a um experimento que mudaria o rumo do programa T4.

Vinte pacientes, presos em um local semelhante a um chuveiro público, foram expostos a uma carga de monóxido de carbono e morreram asfixiados.

Em seguida, seus corpos foram cremados pela SS.

106

Quando Karl Brandt o informou sobre o resultado do experimento de Brandemburgo, Adolf Hitler determinou que todos os “inimigos biológicos” do Terceiro Reich passassem a ser eliminados daquela mesma maneira: asfixiados e cremados.

107

Inimigos biológicos. *Biologische Feinde*.

Só uma “higiene racial” poderia eliminar os “inimigos biológicos” que contaminavam o Terceiro Reich.

Higiene racial. *Rassenhygiene*.

108

No segundo trimestre de 1940, em nome da higiene racial, o Ministério do Interior de Adolf Hitler mandou que se inventariassem todos os judeus do programa T4.

Em junho daquele ano, o primeiro grupo de duzentos judeus, proveniente de um instituto psiquiátrico de Berlim, foi asfixiado e cremado no hospital de Brandemburgo.

109

O extermínio de Gerhard Kretschmar — um recém-nascido inválido repudiado pelo pai — assumira o caráter de extermínio de um povo: o Holocausto.

110

Em menos de dois anos, o programa T4 matou mais de cem mil pessoas.

Adolf Hitler encerrou-o em 24 de agosto de 1941.

Dois meses mais tarde, perto de Chelmno, foi inaugurado o primeiro grande campo de extermínio comandado pela SS, que passou a gasear e cremar industrialmente todos os inimigos biológicos e ideológicos da Alemanha, inválidos ou judeus.

Nos meses seguintes, foram inaugurados os campos de extermínio de Belzec, Sobibór, Majdanek, Treblinka e Auschwitz.

111

O superintendente do programa T4, Franz Stangl, responsável pela morte de trinta mil inválidos no centro de eutanásia de Schloss Hartheim, tornou-se o primeiro comandante do campo de extermínio de Sobibór.

De maio a agosto de 1942, ele matou cem mil judeus.

Franz Stangl foi promovido a comandante do campo de extermínio de Treblinka II.

De agosto de 1942 a agosto de 1943, ele matou outros oitocentos mil judeus.

112

Depois da queda do Terceiro Reich, Franz Stangl se refugiou no Brasil.

Perseguido por Simon Wiesenthal, ele foi preso em 28 de fevereiro de 1967 e extraditado para a Alemanha.

Condenado pela morte de mais de novecentas mil pessoas — entre os paralisados cerebrais da *Aktion* T4 e os judeus da *Aktion* Reinhard —, ele morreu em uma cela, em Düsseldorf.

113

Assim como Franz Stangl, Josef Mengele também se refugiou no Brasil.

Médico da SS, ele era encarregado de examinar e selecionar os prisioneiros do campo de extermínio de Auschwitz.

Os mais válidos — que podiam ser empregados no trabalho escravo — eram encaminhados para a sua direita. Os menos válidos — que podiam ser imediatamente gaseados e cremados — eram encaminhados para a sua esquerda.

114



115

Na imagem anterior, Josef Mengele, em Auschwitz, seleciona aqueles que devem viver e aqueles que devem morrer.

O retrato é de 1944.

116

Josef Mengele, em Auschwitz, conduziu experimentos médicos que resultaram na invalidez e na morte de milhares de prisioneiros.

Formado no Instituto de Higiene Racial de Frankfurt, ele tinha um interesse particular pelos portadores de anomalias hereditárias, como o nanismo, o hermafroditismo e a síndrome de Down. O próprio judaísmo, segundo ele, era uma anomalia hereditária. Em seu estado natural, todos os judeus eram “monstros”. E todos os “monstros” eram judeus.

117

Em um de seus experimentos, Josef Mengele selecionou dois meninos — um dos quais inválido — e cortou-os longitudinalmente com um bisturi.

Depois costurou um menino no outro: costas com costas, ombros com ombros e pulsos com pulsos — como se eles fossem siameses.

Um dos meninos se chamava Nino. O outro menino se chamava Tito.

Sim: Tito.

118

Tito e Nino.

Meus filhos chamam-se Tito e Nico.

119

Agora estamos na praia da Enseada, em Bertioga.

Em 7 de fevereiro de 1972, entrando no mar, na praia da Enseada, Josef Mengele teve um derrame cerebral e morreu.

Vim até aqui, com meus filhos Tito e Nico, seguindo o rastro de Josef Mengele. Quero entrar no mar em que ele morreu. Quero tripudiar sobre seu cadáver. Quero comemorar o valor da vida de um filho inválido.

Sou o Simon Wiesenthal da paralisia cerebral.

Josef Mengele está morto. Tito está vivo.

120

Na praia da Enseada, encho uma boia de plástico.

Tito — o monstro — entra no mar. Nico entra com ele.

Tito e Nico: um é costurado no outro.

121



122

Na imagem anterior, os meus siameses.

123

Tito melhorou rapidamente no hospital de Pádua.

No segundo dia de vida, ele parou de ter ataques convulsivos. No terceiro dia de vida, ele respirou sem a ajuda de aparelhos. No quarto dia de vida, ele emitiu um lamento que os médicos interpretaram como um choro. No quinto dia de vida, ele arregalou os olhos. No sexto dia de vida, ele mamou. No sétimo dia de vida, ele foi dispensado da UTI neonatal e internado em um quarto com minha mulher.

124

Uma semana mais tarde, Tito chegou em casa.

125

Nós morávamos no Palazzo Barbaro Wolkoff, no Canal Grande, ao lado do Palazzo Dario.

Quem arquitetou o Palazzo Dario?

Sim: Pietro Lombardo.

126

127

Na imagem anterior, o Palazzo Barbaro Wolkoff, onde morávamos, e o Palazzo Dario, à sua direita.

O quadro é de Claude Monet. É de 1908.

Estou na janela, ninando Tito, olhando o Canal Grande.

128

Claude Monet permaneceu dois meses e meio em Veneza.

Quando ele pintou minhas janelas, sua mulher, Alice, comentou em uma carta à filha, Germaine:

Ele está fazendo trabalhos maravilhosos e, cá entre nós, diferentes daquelas mesmas e velhas vitórias-régias.

129

Eu sou o Claude Monet da paralisia cerebral. Tito é minha vitória-régia. Ele se tornou meu único tema. Só me dedico a ele, só me entusiasmo com ele. A matéria nunca se esgota. Sempre encontro nele uma cor inesperada, uma sombra inexplorada. Tito é o Absoluto. Tito é o Todo.

130

Pietro Lombardo arquitetou o Palazzo Dario em 1486.

No mesmo ano, nasceu Jacopo Sansovino.

Jacopo Sansovino, assim como Pietro Lombardo, está ligado circularmente ao nascimento de Tito. Primeiro, ele arquitetou a parte lateral da Scuola Grande di San Marco, completando a obra de Pietro Lombardo. Depois, ele arquitetou a Igreja de San Giuliano, ornando seu portal com uma estátua de Tommaso Rangone. Por fim, ele arquitetou o Palazzo Corner, na frente do Palazzo Dario e do Palazzo Barbaro Wolkoff, na margem oposta do Canal Grande.

Eu via o Palazzo Dario e o Palazzo Corner de minha janela.

131



132

Na imagem anterior, o Palazzo Dario, arquitetado por Pietro Lombardo, à direita, e o Palazzo Corner, arquitetado por Jacopo Sansovino, à esquerda.

O quadro é de Canaletto. É de 1738.

Eu continuo na mesma janela, ninando Tito, olhando o Canal Grande.

133

O Palazzo Dario, segundo John Ruskin, era “um dos mais primorosos exemplos”

da arquitetura de seu tempo. O Palazzo Corner, por outro lado, erguido meio século mais tarde, em 1537, era “uma das piores e mais frias” obras do Renascimento.

O Palazzo Dario exprimia a alma de um verdadeiro artista como Pietro Lombardo, que podia até raciocinar, mas só “de vez em quando”, e que podia até ter conhecimentos, mas apenas os que era capaz de colher “sem se curvar e sem fazer grande empenho”. O Palazzo Corner, ao contrário, exprimia a soberba academicista de Jacopo Sansovino, com seu fanatismo geométrico que podia “ser ensinado a qualquer escolar em menos de uma semana”.

O Palazzo Dario era “bom para o culto de Deus”. O Palazzo Corner era “bom para o culto do Homem”.

134

Eu nunca cultuei Deus. Eu nunca cultuei o Homem. Passei a cultivar Tito. Passei a cultivar a vida doméstica. Meu evangelho é uma conta de luz. Meu templo é uma quitanda.

Tito é o Todo. Um tomate é o Todo.

135

O Palazzo Dario e o Palazzo Corner há quinhentos anos debatiam os grandes temas da humanidade, gritando seus argumentos, um diante do outro, separados apenas pelo Canal Grande.

Se o Palazzo Dario era Sócrates, o Palazzo Corner era Meleto. Se o Palazzo Dario era Dante Alighieri, o Palazzo Corner era Farinata degli Uberti. Se o Palazzo Dario era Dom Quixote, o Palazzo Corner era Sancho. Se o Palazzo Dario era Naphta, o Palazzo Corner era Settembrini. Se o Palazzo Dario era Lou Costello, o Palazzo Corner era Bud Abbott.

Só Veneza podia me dar isso.

136

Jacopo Sansovino, depois de arquitetar o Palazzo Corner, foi contratado para arquitetar a sala de leitura da Biblioteca Marciana.

O Orgulho da Ciência e o Orgulho do Estado manifestavam-se através de seu imponente teto arqueado, em estilo romano.

Em 1545, o teto desabou.

Sim: *A Queda*.

Jacopo Sansovino foi preso e condenado a reerguer, às suas custas, a sala de leitura da Biblioteca Marciana. No lugar do imponente teto arqueado, em estilo romano, Jacopo Sansovino teve de construir um teto plano.

Eu sou o teto plano da paralisia cerebral.

137

Mudei-me para Veneza em 1987. Eu tinha vinte e quatro anos.

O melhor de Veneza, para mim, era seu caráter regressista. O melhor de Veneza, para mim, era seu reacionarismo inconformista.

Viver ali era como viver em uma aldeia amish. Eu via Veneza como uma aldeia amish para intelectuais. Ela tinha o poder de contrastar, com sua prepotente irracionalidade, o populismo iluminista de meu tempo. Ela tinha o poder de ridicularizar, com seu esplendoroso anacronismo, qualquer espécie de soberba progressista.

Em uma aldeia amish, um menino, impedido de tomar vacina, podia morrer de sarampo. Em Veneza, como vim a descobrir alguns anos mais tarde, ele podia morrer no parto.

138

Ao me mudar para Veneza, eu estava escrevendo meu primeiro romance.

Depois de escrever meu primeiro romance, escrevi meu segundo romance. Depois de escrever meu segundo romance, escrevi meu terceiro romance. Depois de escrever meu terceiro romance, escrevi meu quarto romance.

Quando Tito nasceu, eu estava escrevendo meu quinto romance.

Era assim que eu vislumbrava meu futuro: sempre em Veneza, pulando de romance em romance.

O nascimento de Tito mudou tudo.

139

Os primeiros meses de Tito foram iguais aos de qualquer menino.

Ele mamava. Ele passeava. Ele dormia.

De seis em seis semanas, nós o levávamos ao departamento de neurologia do hospital de Pádua.

Os médicos testavam seus reflexos e mediam o tamanho de seu cérebro.

O resultado era sempre perfeitamente normal. Os médicos supunham que Tito houvesse escapado ileso de seu parto ruinoso.

140



141

Na imagem anterior, Tito perfeitamente normal.

142

Antes de completar seis meses de idade, Tito passou por mais um exame no hospital de Pádua.

Sua neurologista deitou-o na maca. Naquele momento, ele deveria virar-se de barriga para cima. O que ocorreu foi o contrário: ele agitou os bracinhos, mas — como uma tartaruga — foi incapaz de revirar o corpo.

Era o primeiro sinal de sua paralisia cerebral.

143

Eu soubera que minha mulher estava grávida exatamente um ano antes.

Tratei do assunto em 23 de fevereiro de 2000, em minha coluna na revista *Veja*.

Comecei dizendo que, até aquele momento, a recusa da paternidade fora uma das raras certezas que eu jamais questionara em minha vida. Em seguida, comentei que meu desejo — reproduzo palavra por palavra — era ter um “filho tartaruga: toda vez que ele se agitasse demais, bastaria revirá-lo de barriga para cima, e ele permaneceria parado, silencioso, sacudindo os bracinhos”.

Eu tive meu filho tartaruga.

144

Alguns dias depois do exame no hospital de Pádua, recebemos seu resultado pelo correio. Segundo a neurologista, Tito tinha um “dano no sistema extrapiramidal”.

145

Eu sei ler.

Ler é meu trabalho. Eu penso lendo. Eu sinto lendo. Quando recebemos o resultado do exame no hospital de Pádua, li sobre o sistema extrapiramidal. Nada do que li me preparou para o que estávamos prestes a descobrir.

146

Agora eu sei o que Tito tem.

O parto ruinoso, segundo os neurologistas que o examinaram nos últimos anos, avariou seu tálamo. O tálamo faz parte do sistema extrapiramidal. A avaria é infinitesimal, tanto que nenhuma máquina até hoje foi capaz de detectá-la. Mas é grave o bastante para prejudicar todos os seus movimentos.

Tito anda errado, pega errado, fala errado.

A neurologista do hospital de Pádua, depois de examinar Tito, encaminhou-o a uma neurofisiatra do hospital de Veneza.

Nas semanas seguintes, a neurofisiatra submeteu-o a uma série de testes.

Quando os testes terminaram, ouvi pela primeira vez — com medo e terror — o termo que, daquele instante em diante, passaria a dominar minha vida.

Tito tinha uma paralisia cerebral.

O medo durou uma semana.

Depois passou.

O motivo pelo qual o medo passou em apenas uma semana foi uma queda.

Tito estava em meu colo. Eu lia o jornal no sofá da sala. Minha mulher, andando apressadamente de um lado para o outro, prendeu o pé na ponta do tapete e levou um tombo, na nossa frente. Vendo o tombo, Tito gargalhou. Simulamos outros tombos. Ele gargalhou, gargalhou e gargalhou. Nós gargalhamos com ele.

A paralisia cerebral de Tito tornou-se imediatamente mais familiar. O *slapstick* era uma linguagem que todos compreendíamos.

Tito cai. Minha mulher cai. Eu caio.

O que nos une — o que sempre nos unirá — é a queda.



150

Na imagem anterior, *Abbott and Costello Go to Mars*.

Lou Costello, em uma viagem espacial, cai ao resgatar sua bota de astronauta, que está presa em um bueiro.

151

Francesca Martinez é uma comediante.

Ela tem uma paralisia cerebral. Seus espetáculos giram em torno do tema.

O termo paralisia cerebral, segundo ela, só pode ter sido inventado para provocar “medo e terror”. Por isso, ela gosta de ser chamada de “cambaleante”. Ela está sempre cambaleando, prestes a cair.

O humor de Francesca Martinez — da mesma maneira que o de Lou Costello — inspira-se em suas quedas.

A paralisia cerebral é sua bota de astronauta presa em um bueiro.

152

Francesca Martinez relatou ao *Daily Mail* o que lhe aconteceu.

Sua paralisia cerebral, assim como a de Tito, foi provocada por um erro médico.

Seu parto atrasou algumas horas, porque “era um domingo e os funcionários do hospital estavam de folga”. Ela permaneceu no útero, sem ar, por sete minutos.

A paralisia cerebral, ela explicou, “ocorre quando uma parte do cérebro deixa de funcionar. Atinge um recém-nascido a cada quinhentos. Cada caso é particular, mas geralmente afeta o controle muscular e a mobilidade das pessoas”.

A melhor maneira de descrever como a paralisia cerebral a afetou é que ela parece “estar sempre embriagada”. Sua fala é “arrastada”, seu equilíbrio é “cambaleante”.

153

Duas semanas depois de saber que Tito tinha uma paralisia cerebral, relatei o que lhe ocorreu em minha coluna na *Veja*:

Diagnosticaram uma paralisia cerebral em meu filho de sete meses. Vista de fora, uma notícia assim pode parecer desesperadora. De dentro, é diferente. Foi como se me tivessem dito que meu filho era búlgaro. Se eu descobrisse que meu filho era búlgaro, minha primeira atitude seria consultar um almanaque em busca de dados sobre a Bulgária: produto interno bruto, principais rios, riquezas minerais. Foi o que fiz com a paralisia cerebral.

154

Depois de dizer que paralisia cerebral era “um termo que dava medo” e que, pela primeira vez na vida, eu passara a “pertencer a uma minoria”, terminei o texto de uma maneira vergonhosamente sentimental:

Considero-me um escritor cômico. Nada mais cômico, para mim, do que uma expectativa frustrada. Expectativa frustrada no progresso social. Expectativa frustrada nas descobertas da ciência. Expectativa frustrada na força do amor. Eu sempre trabalhei com essa ótica anti-iluminista. Agora mudei. Passei a acreditar na força do amor. Amor por um pequeno búlgaro.

155

A partir daquele momento, a paralisia cerebral de Tito virou um tema recorrente em minhas colunas.

Em um período de dez anos, dediquei-lhe oito artigos.

Se a paralisia cerebral atinge, em média, um recém-nascido a cada quinhentos,

como estimou Francesca Martinez, eu publiquei um artigo sobre o assunto, em média, a cada quinhentos dias.

A paralisia cerebral incidiu na vida de meus leitores tanto quanto ela incide na vida em geral.

156

Francesca Martinez, em um depoimento ao *Daily Telegraph*, declarou que “o grande segredo da invalidez é que todos aqueles que convivem com ela sabem que uma pessoa inválida é apenas uma pessoa que amam”.

Em meu primeiro depoimento sobre Tito, esse era o único “grande segredo” que eu tinha a revelar.

Espantosamente, a paralisia cerebral de Tito, para mim e para Anna, em momento algum representara um motivo de dor. Espantosamente, a paralisia cerebral de Tito, para mim e para Anna, em momento algum representara um peso.

Aos sete meses, Tito era apenas uma pessoa que amávamos.

157

Em meados de 2001, levamos Tito a um neurologista em Nova York.

158



159

Na imagem anterior, Tito e eu em Nova York

160

Em Nova York, tornei-me o primeiro meio de transporte de Tito.

Ele apontava o dedo para a esquerda, eu ia para a esquerda. Ele apontava o dedo para a direita, eu ia para a direita. Ele apontava o dedo para a avó, eu o entregava à avó.

Assim como Josef Mengele, Tito escolhia meu destino encaminhando-me para um lado ou para o outro.

161

O neurologista de Nova York foi muito animador.

Depois de realizar alguns exames, ele prognosticou que, dali a dois anos, Tito falaria normalmente. Ele prognosticou também que, dali a quatro anos, Tito

caminharia autonomamente.

Ambos os prognósticos estavam errados.

Tito nunca falou normalmente. Ele nunca caminhou autonomamente.

162

Christy Brown tinha uma paralisia cerebral.

Em seus primeiros meses de vida, seus pais o levaram a diversos neurologistas em Dublin.

Todos prognosticaram que Christy Brown permaneceria para sempre em um estado de “torpor”, porque ele era um “idiota”, um “imbecil”, um “caso desesperado” e um “caso perdido”.

Em *Meu pé esquerdo*, sua autobiografia, Christy Brown narrou como foi capaz de superar os piores prognósticos a seu respeito, encontrando um meio para datilografar e pintar com os dedos do pé.

163

Assim como os pais de Christy Brown, Anna e eu aprende-mos a ignorar todos os prognósticos abastalhados dos médicos, para o bem ou para o mal. Assim como os pais de Christy Brown, Anna e eu aprendemos a comemorar cada passo adiante de Tito, por mais cambaleante que fosse.

A partir de um determinado momento, aprendemos a comemorar até mesmo seus tombos. Nos primeiros anos, Tito sempre se arrebatava ao cair. Com o tempo, ele foi desenvolvendo novas técnicas para amortecer as quedas.

Saber cair tem muito mais valor do que saber caminhar.

164

A banda irlandesa The Pogues gravou uma música sobre Christy Brown.

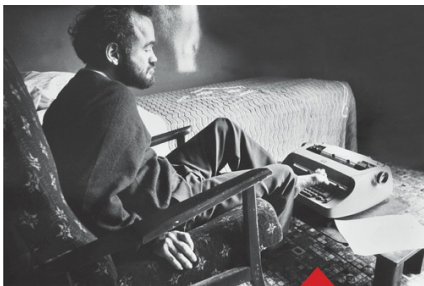
Nos primeiros acordes, a guitarra elétrica é acompanhada pelo som de uma máquina de escrever, que faz *tap-tap-tap*:

Christy Brown
a clown around town
Now he's a man of renown
from Dingle to Down

I type with me toes
Suckstout through me nose
And where it's gonna end
God only knows

Down all the days
The tap-tap-tapping
Of the typewriter pays

165



166

Na imagem anterior, Christy Brown em seu quarto, fazendo *tap-tap-tap* na máquina de escrever.

167

Agora Tito está em seu quarto. Eu estou na biblioteca.

Ele faz *tap-tap-tap* no teclado de seu computador. Eu respondo fazendo *tap-tap-tap* no teclado de meu computador.

Envio-lhe um PDF com a imagem de Christy Brown. Em seguida, explico-lhe pelo VoIP que Christy Brown tinha uma paralisia cerebral muito mais debilitante do que a sua, e que mesmo assim foi capaz de se transformar em um importante escritor.

Envio-lhe também um arquivo com a música de The Pogues e traduzo sua letra, que conta como Christy Brown, o bobo da aldeia, conseguiu tornar-se um escritor respeitado de norte a sul, datilografando — *tap-tap-tapping* — com os dedos do pé.

Tito perde rapidamente o interesse por mim e desliga o VoIP.

Christy Brown tinha a necessidade de superar a paralisia cerebral. Tito está perfeitamente feliz do jeito que é. Ele dispensa os bons exemplos.

168

Christy Brown pegou um giz com os dedos do pé esquerdo e desenhou a letra A. Ele tinha cinco anos de idade. Seus pais perceberam que havia, dentro de seu “corpo paralisado, uma mente normal”, e passaram a estimulá-lo falando com ele o tempo todo.

O neurologista de Nova York recomendou que empregássemos o mesmo método que os pais de Christy Brown haviam empregado, porque as habilidades intelectuais de Tito eram o maior recurso de que ele poderia dispor.

Daquele dia em diante, Anna e eu passamos a atazanar Tito com palavras e mais palavras. Quando ele enjoe, desliga o VoIP.

169

Christy Brown morreu aos quarenta e nove anos, ao engasgar com uma costeleta de porco.

Retornando a Tommaso Rangone: costeletas de porco foi o alimento mais danoso à saúde de Christy Brown.

170

Apesar de errar todos os seus prognósticos — assim como o “abestalhado” Tommaso Rangone errou com Júlio III —, o neurologista de Nova York

transformou completamente nossas vidas.

Além de recomendar que estimulássemos Tito o tempo inteiro, ele recomendou também que, durante o inverno veneziano, viajássemos para um lugar quente.

Um menino com paralisia cerebral, segundo ele, tinha de permanecer sempre solto, desimpedido, despido. Um menino com paralisia cerebral, segundo ele, tinha de poder manipular a areia, a terra, a água.

171



172

Na imagem anterior, Tito e Anna assistem à chegada do inverno veneziano.

173

Cito-me:

Cada um tem seu talento. O meu é ir embora do Brasil. Ninguém sabe ir embora do Brasil melhor do que eu. Se ir embora do Brasil fosse pintura, eu seria Rembrandt. Se ir embora do Brasil fosse literatura, eu seria Shakespeare. De uma hora para a outra, posso largar tudo e partir. De maneira calma e ordenada. Minha turma é a dos retirantes. Daqueles que matam cadelas a pauladas. Tenho mais de trinta anos de prática acumulada. Fui embora do Brasil em um monte de oportunidades, por longos períodos. E sempre me dei bem. Porque eu sei exatamente o que esperar dos outros lugares. Quem vai embora pensando em encontrar lá fora algo melhor do que o Brasil só se estrepa. Eu nunca cometi esse erro. Fui embora do Brasil com o único propósito de ficar longe do Brasil.

174

Quando o neurologista de Nova York recomendou que evitássemos permanecer em Veneza durante os meses de inverno, pensei imediatamente em comprar passagens aéreas para o Rio de Janeiro.

Por mais que eu repudiasse o Brasil, e eu repudiava o Brasil, jamais neguei que fosse um lugar quente.

175

No Natal de 2001, desembarcamos no Rio de Janeiro.

Estava quente.

O plano era permanecer dois meses. Acabamos permanecendo nove anos.

176



177

Na imagem anterior, Tito na praia de Ipanema.

178

Agora revejo os retratos daquele tempo.

Tito está solto. Tito está desimpedido. Tito está despido. Tito está manipulando a areia. Tito está manipulando a terra. Tito está manipulando a água.

No Rio de Janeiro, encontramos tudo o que foi recomendado pelo neurologista de Nova York

179

Permanecemos no Rio de Janeiro por nove anos — em vez de apenas dois meses — em virtude da praia de Ipanema.

Houve também outro motivo: uma terapeuta Bobath.

180

Karel Bobath era ortopedista.

Berta Busse era professora de ginástica.

Nascidos em Berlim, eles tiveram de escapar da Alemanha de Adolf Hitler porque eram judeus.

Berta Busse chegou a Londres em 1938. Karel Bobath, em 1939.

Ali eles se casaram e desenvolveram juntos um programa fisioterápico para o tratamento da paralisia cerebral, conhecido como Conceito Bobath.

181

Enquanto Adolf Hitler, na Alemanha, exterminava judeus e meninos com paralisia cerebral, um casal de judeus escapava da Alemanha de Adolf Hitler e desenvolvia um método para o tratamento de meninos com paralisia cerebral.

A história de Tito é assim: circular.

182

Karel Bobath e Berta Busse mataram-se em 19 de janeiro de 1991.

Ele tinha 85 anos. Ela tinha 83.

Karel Bobath e Berta Busse desenvolveram juntos um método para o tratamento da paralisia cerebral, e continuaram juntos até a hora da morte.

A paralisia cerebral une.

183

Nós levávamos Tito à sua terapeuta Bobath quatro dias por semana, por uma ou duas horas.

Ele tinha seus músculos alongados. Ele era chacoalhado em uma rede. Ele era posto dentro de um cilindro e rolado pela sala. Ele tinha o quadril atado com faixas elásticas. Ele era levado a torcer o tronco com as pernas imobilizadas. Ele tinha os lábios contornados por um adesivo, para parar de babar. Ele era mantido em postura ereta diante de um espelho. Ele tinha de sentar-se com os joelhos esticados. Ele era estendido em uma grande bola vermelha e rolado para a frente e para trás. Ele era arremessado em um colchonete de espuma. Ele era estimulado a reproduzir o movimento de engatinhar.

Minha mulher e eu acompanhávamos entusiasmadamente a ginástica de Tito.

Éramos felizes naquele lugar. Estávamos unidos como velhos judeus suicidas.

184



185

Na imagem anterior, Tito e sua terapeuta Bobath.

186

Neil Young tem dois filhos com paralisia cerebral.

Sim: dois.

Ele é meu guru.

187

O primeiro filho de Neil Young, do primeiro casamento, chama-se Zeke. O segundo filho de Neil Young, do segundo casamento, chama-se Ben.

Zeke nasceu em 1972. Sua paralisia cerebral é leve.

Ben nasceu em 1978. Sua paralisia cerebral é severa.

188

Quando Ben tinha dois anos de idade, Neil Young e sua mulher levaram-no ao Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano.

O Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano persuadiu-os a dedicar todo o seu tempo ao tratamento de Ben, ministrando-lhe doze horas de fisioterapia por dia, sete dias por semana.

189

O Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano é uma seita.

Se Neil Young é meu guru, o guru do Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano é Glenn Doman.

Um menino com paralisia cerebral, segundo Glenn Doman, tem de ser continuamente manipulado por seus pais, porque quando ele repete sem parar uma série de movimentos padronizados, de forma passiva e por um longo período, seu cérebro se modifica e substitui as partes lesionadas.

190

Em 1981, Neil Young gravou uma música sobre o tratamento de Ben com o método de Glenn Doman.

Trata-se de *T-Bone*, do disco *Re-ac-tor*.

É o hino da paralisia cerebral.

191

Em *T-Bone*, Neil Young repete fanaticamente, por nove minutos e dez segundos, os mesmos dois versos, assim como os fisioterapeutas do Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano mandavam-no repetir fanaticamente os movimentos de Ben, doze horas por dia, sete dias por semana.

No primeiro verso, repetido vinte e cinco vezes, Neil Young diz que tem “um purê de batatas”. No segundo verso, repetido mais vinte e cinco vezes, ele diz que o que lhe falta é “o T-Bone”.

192

Em 1989, alguns anos depois de desistir do Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano, Neil Young, entrevistado pelo *Village Voice Rock and Roll Quarterly*, falou sobre o tratamento de Ben com o método de Glenn Doman:

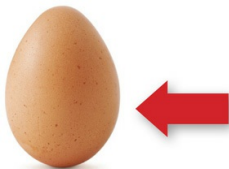
— Eu tinha de manipular o menino simulando o movimento de engatinhar. Ele ia engatinhando pelo corredor, batendo a cabeça enquanto tentava engatinhar. Mas ele era incapaz de engatinhar, e aquela gente dizia que, se ele fosse incapaz de engatinhar, a culpa seria nossa. Resistimos por dezoito meses. Foram dezoito meses sem sair de casa. Foram dezoito meses sem fazer nada.

193

Nos últimos trinta anos, o Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano, com seu abastalhado credo lamarckiano de que o movimento repetitivo e passivo podia moldar as características dos portadores de paralisia cerebral, mudando seus cérebros, perdeu praticamente todos os adeptos.

Era purê de batatas demais e bisteca de menos.

194



195

Na imagem anterior, um ovo.

Ben Young atualmente é um produtor de ovos. Em vez de ter *T-bones*, ele tem uma granja em La Honda, com duzentas e cinquenta galinhas.

196

Durante o tratamento com o método de Glenn Doman, Neil Young e sua mulher moviam Ben doze horas por dia, sete dias por semana. Enquanto isso, Ben permanecia passivo.

Conosco ocorreu o oposto.

Tito movia-se livremente pelo grande apartamento em que estávamos hospedados, no Rio de Janeiro, indo de quarto em quarto, doze horas por dia, sete dias por semana. Enquanto isso, minha mulher e eu o admirávamos passivamente.

Tito foi nosso Glenn Doman. Ele mudou nossos cérebros.

197

Como Tito se movia?

Ele tinha um carrinho de brinquedo da Chicco.

Inicialmente, ele só era capaz de mover o carrinho em marcha a ré. Com o tempo, aprendeu a mover o carrinho para a frente e para os lados, impulsionando-o simultaneamente com os dois pés.

Quando Tito ganhou velocidade e passou a capotar de lado, dotamos o carrinho de duas barras perpendiculares, para aumentar sua estabilidade. Quando ele ganhou ainda mais velocidade e passou a capotar para a frente, dando uma pirueta, pensamos em aparafusar uma roda na ponta do carrinho.

As quedas de Tito tornaram-se espetaculares, como as de Lou Costello.

198

O maior impedimento para um menino com paralisia cerebral é a impossibilidade de investigar o mundo ao seu redor.

Com o carrinho da Chicco, Tito superou parcialmente esse impedimento.

Ele entrava nos armários e tirava as meias das gavetas. Ele ia à cozinha e puxava o avental da cozinheira. Ele passava sob a mesa de pingue-pongue durante as nossas partidas. Ele ia ao banheiro e espalhava todo o rolo de papel higiênico pelo

apartamento.

Tito investigava o mundo. Nós investigávamos Tito investigando o mundo.

199



200

Na imagem anterior, Tito em seu carrinho.

O carrinho de brinquedo da Chicco foi o segundo meio de transporte de Tito.

201

À medida que o tempo passava, a paralisia cerebral de Tito tornava-se mais e mais evidente.

Os meninos de sua idade corriam e falavam. Ele continuava atrelado ao passado, tentando engatinhar. Havia um motim de seu corpo contra seu cérebro. Seu cérebro dava uma ordem, seu corpo desobedecia.

Tito era o doutor Strangelove, estrangulando-se continuamente.

202

Com sete meses, Tito era “apenas uma pessoa que amávamos”. Com um ano e meio, ele já se transformara em “uma pessoa com paralisia cerebral que amávamos”.

Nós amávamos tanto Tito que passamos a amar a própria paralisia cerebral.

203

Cito a coluna que publiquei em 24 de junho de 2002:

Ter um filho com paralisia cerebral é a aventura mais empolgante que existe. O maior inimigo de um menino com paralisia cerebral é a força de gravidade. É como se ele fosse permanentemente perseguido por um judoca alucinado, que se diverte em passar-lhe rasteiras. O que ele precisa fazer, antes de mais nada, é aprender a cair. Depois vai pulando da faixa branca para a faixa amarela, da faixa amarela para a faixa verde, até atingir seu limite máximo. Todas as habilidades motoras que adquirimos de modo automático, através do instinto, ele tenta adquirir com a disciplina, com o método, com o pensamento. É a luta do intelecto contra a natureza selvagem. A metáfora perfeita da história da humanidade. Davi e Golias. Teseu e o Minotauro. Dr. Jekyll e Mr. Hyde.

204



205

Na imagem anterior, uma das dezesseis quedas de Lou Costello em *Abbott and Costello Meet Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Ninguém sabe cair melhor do que Lou Costello.

206

Encerrei a coluna de 24 de junho de 2002 de uma maneira vergonhosamente sentimental. Eu amava Tito. Eu amava a paralisia cerebral.

Quando as pessoas descobrem que meu filho tem paralisia cerebral, olham para ele com uma mistura de simpatia e piedade. Eu olho para ele como se olhasse para um totem: com devoção, reverência e sentimento de inferioridade. Dizem que, por causa da ausência de gravidade, um menino com paralisia cerebral está mais bem preparado para viver na Lua. Meu filho, portanto, é um homem do futuro, pronto para as viagens interplanetárias. Sabe aquele episódio de *Jornada nas Estrelas* em que os alienígenas de uma galáxia distante cismam que o capitão Kirk é Deus? Pois eu sou igual aos alienígenas, e meu filho é o capitão Kirk

207

Além de dizer que Tito era Deus, eu dizia também, naquela coluna, que “um menino com paralisia cerebral era como a maçã de Newton: caindo, ele revelava os mecanismos secretos de funcionamento do mundo”.

208

Tito era minha Lei da Gravidade. Ele era o princípio com o qual eu passara a medir a realidade.

209

Sigmund Freud, nos primeiros anos de sua carreira como neurologista, dedicou-se ao estudo da paralisia cerebral.

Em 1897, ele publicou seu principal tratado sobre o assunto, intitulado *Paralisia Cerebral Infantil*.

Naquele tempo, Sigmund Freud já estava inteiramente envolvido em suas pesquisas sobre neuroses. Em uma de suas cartas, ele comentou:

Estou ocupado com as paralisias infantis, pelas quais não tenho o menor interesse.

210

Contrariamente a Sigmund Freud, eu só me ocupava de paralisia cerebral. E não tinha o menor interesse por neuroses.

211

Na segunda metade de 2003, levamos Tito a um neurologista de Boston.

212



213

Na imagem anterior, Tito em Boston.

214

Passamos seis semanas em Boston, em um apartamento em Back Bay. Depois de examinar Tito, o neurologista encaminhou-o à sua equipe de médicos.

215

Os médicos de Boston deram uma anestesia geral em Tito para aplicar-lhe botox nas pernas. O resultado do botox foi nulo. Os médicos de Boston deram outra anestesia geral em Tito para fazer-lhe uma ressonância magnética. O resultado da ressonância magnética foi nulo. Os médicos de Boston mandaram tirar um molde das pernas de Tito para confeccionar-lhe um par de calças ortopédicas. As calças ortopédicas quebraram assim que retornamos ao Rio de Janeiro e foram jogadas fora. Os médicos de Boston fizeram-nos encomendar um andador. O andador era o menos adequado para Tito.

216

Em Boston, gastei trinta mil dólares.

A paralisia cerebral de Tito custou-me um monte de dinheiro.

217

Apesar de tudo, lembro-me daquelas seis semanas no apartamento em Back Bay como uma fase de intensa — quase desarrazoada — alegria.

Porque estávamos juntos. Porque estávamos unidos. Eu tinha, naquele momento, a certeza moral de um fanático. Eu renunciara às minhas veleidades pessoais por algo muito maior do que eu. Eu cultuava Tito. A paralisia cerebral era minha seita.

218

O neurologista de Boston teve uma utilidade.

Ele explicou por que Tito, em seu terceiro aniversário, ainda era incapaz de pronunciar uma única palavra.

Ele tinha uma dispraxia.

219

O neurologista de Boston teve outra utilidade.

Ele recomendou que, para se exprimir, Tito passasse a usar um comunicador digital.

220



221

Na imagem anterior, Tito com seu comunicador Tech/Speak.

222

O tema de *T-Bone* é o empenho obsessivo de Neil Young para dar algum tipo de mobilidade a Ben.

O tema de *Transformer Man*, que faz parte de seu disco seguinte, *Trans*, de 1982, é o empenho obsessivo de Neil Young para se comunicar com Ben.

223

Neil Young usou um *vocoder* para distorcer sua voz em *Transformer Man*.

Ele explicou:

— *Transformer Man* é uma música para meu garoto. *Trans* é minha busca por uma forma de me comunicar com uma pessoa incapaz de falar. Ninguém entendeu *Trans*. Quero que as pessoas se fodam. Ninguém entende as letras em *Trans* porque eu mesmo era incapaz de entender o que meu filho dizia.

224

Transformer Man é a pior música de Neil Young.

É deforme, inacabada, imperfeita. É desproporcional em todas as suas partes. É um sapo venenoso. É um cachorro sangrento.

A ruindade de *Transformer Man* me comove.

225

Os discos de Neil Young sobre a paralisia cerebral de Ben foram os maiores insucessos comerciais de sua carreira.

A paralisia cerebral custou-lhe um monte de dinheiro.

226

Em *Transformer Man*, Neil Young vislumbra um mundo robotizado em que um menino espástico, incapaz de falar, poderia interagir usando a tecnologia.

O que sua espasticidade o impedia de fazer sozinho, ele passaria a fazer, no futuro, por meio de máquinas, apertando botões:

Transformer Man

Direct the action

with the push of a button

227



228

Na imagem anterior, o *Transformer Man* da Hasbro, fabricado vinte e nove anos depois do *Transformer Man* de Neil Young e comercializado com o nome de *Spastic* – ou Espástico.

O futuro vislumbrado por Neil Young materializou-se no mundo robotizado dos *Power Core Combiners*.

229

Fiz uma coluna sobre o *Transformer Man* de Neil Young:

Neil Young tinha uma coleção de trens elétricos. Como seu filho, Ben, era incapaz de acionar os trens, Neil Young inventou um dispositivo para facilitar a operação. O dispositivo foi patenteado como o Grande Botão Vermelho. Com o Grande Botão Vermelho, Ben finalmente podia abrir porteiros, engatar locomotivas, fazer o trem mudar de trilho, soltar fumaça, apitar.

230

Encerrei a coluna falando novamente sobre Tito:

Meu filho nunca se interessou por trens elétricos. Mas ele tem um Grande Botão Vermelho conectado a mim. Ele me liga e desliga quando quer. E me faz mudar de trilho, soltar fumaça, apitar.

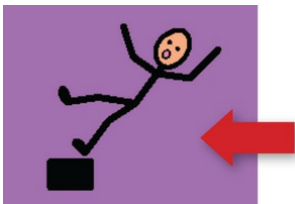
231

Neil Young sentia-se eletrizado por Ben:

I feel electrified by you. Oh eyes.

Eu me sentia eletrizado por Tito. Ele era meu *Transformer Man*. Apertando os botões de seu comunicador, ele finalmente podia falar comigo.

232



233

Na imagem anterior, o botão que Tito tinha de apertar em seu comunicador para sinalizar uma queda.

Sim: *A Queda*.

234

O comunicador de Tito era composto por trinta e duas janelas. Cada uma delas era ocupada por um símbolo que correspondia a uma palavra ou a uma frase. Quando Tito apertava o símbolo, o comunicador emitia uma mensagem gravada

com aquela palavra ou frase. Como o comunicador era dotado de seis canais, Tito podia dispor permanentemente de cento e noventa e duas mensagens gravadas.

235

As mensagens do comunicador de Tito eram gravadas com minha voz. Ele passou a falar por mim, distorcendo minhas palavras. O comunicador de Tito foi meu *vocoder*.

236

As terapeutas de Tito sempre inseriam novos símbolos em seu comunicador. Ele acumulou um vocabulário de mais de mil palavras, que o acompanhavam em cada momento de sua vida.

Quando Tito estava com pressa, apertava o desenho de um coelho. Quando ele estava com diarreia, apertava o desenho de uma pessoa evacuando em um vaso sanitário. Quando ele queria repetir algo, apertava o desenho de duas setas paralelas. Quando ele se assustava, apertava o desenho de um fantasma verde. Quando ele queria fazer uma pergunta, apertava o desenho de um homenzinho com cara de ovo erguendo o dedo. Quando ele se irritava, apertava o desenho do homenzinho com cara de ovo soltando vapor pelas orelhas. Quando ele se entediava, apertava o desenho do homenzinho com cara de ovo apoiado no cotovelo.

237

Tito só se comunicava através de imagens, de gestos, de símbolos, de metáforas, de analogias.

Eu tinha de interpretá-lo. Eu tinha de me adaptar à sua linguagem. Se ele usava imagens, eu também usava imagens. Se ele usava analogias, eu também usava analogias.

Foi assim que Tito se tornou meu Deus, minha Lei da Gravidade, meu sobrevivente de Auschwitz, minha tartaruga, minha vitória-régia, meu Lou Costello, meu Ricardo III, meu James Stewart, minha Queda da Bastilha, meu Jacopo Tintoretto, minha Scuola Grande di San Marco.

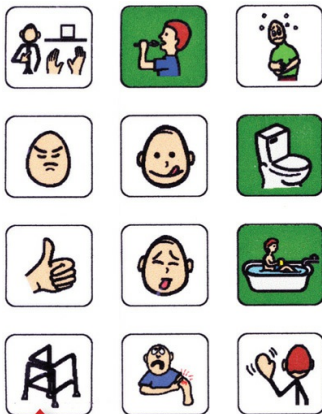
238

Tito era o resultado de tudo o que eu havia visto e lido. Em particular, ele era o resultado de tudo o que eu amava.

239

No Natal de 2003, Tito ganhou um andador Kaye.

240



241

Na imagem anterior, o desenho que Tito tinha de apertar em seu comunicador

para pedir o andador.

242

Agora Tito está usando seu quarto andador Kaye.

O modelo é igual ao primeiro. Só mudou o tamanho.

De todos os meios de transporte que Tito já teve, o andador é o mais valioso. Ele o usa até hoje para caminhar na rua. Ele provavelmente terá de usá-lo para sempre.

243

Nos primeiros tempos, Tito era capaz de dar somente um ou dois passos com o andador. Ele tinha de mover-se em linha reta, porque as rodas eram travadas.

Em meados de 2004, quando Tito melhorou o comando sobre o andador, sua terapeuta soltou as rodas dianteiras e passei a caminhar com ele na garagem do prédio em que morávamos, na avenida Vieira Souto, em Ipanema.

A garagem era ampla e deserta. Seu piso era plano e liso.

244

Depois de explorar a garagem de nosso prédio, Tito ganhou mais autonomia e fomos explorar a garagem do prédio à direita do nosso. Depois de explorar a garagem do prédio à direita do nosso, fomos explorar a garagem do prédio à esquerda do nosso. Depois de explorar a garagem do prédio à esquerda do nosso, fomos explorar a garagem de dezenas de outros prédios da avenida Vieira Souto.

245

Se até aquele momento meu único talento era ir embora do Brasil, pela primeira vez em minha vida eu estava feliz por ter voltado à minha terra natal.

As garagens da avenida Vieira Souto me reconciliaram com o Brasil.

246



247

Na imagem anterior, Tito caminha com seu andador em uma garagem.

248

Giacomo Leopardi era deforme.

Ele tinha um metro e quarenta e um de altura. Duas grandes corcundas — causadas por uma tuberculose óssea — vergavam suas costas.

Ele era asmático. E praticamente cego.

249

Em uma de suas cartas, Giacomo Leopardi disse que seu aspecto era “miserável” e “absolutamente desprezível”. Ele disse também que só contava com “a metade do que contavam os outros homens”. Ele se considerava um “sepulcro ambulante”, constantemente à espera da morte.

250

Se eu sempre quis ir embora do Brasil, Giacomo Leopardi sempre quis ir embora de Recanati, sua terra natal.

Recanati, segundo ele, era uma “aldeia selvagem”, habitada por “uma gente grosseira, vil”. A todo instante, ele sonhava em “abandonar aquela porca cidade em que os homens eram asnos ou tratantes — ou tanto um quanto o outro”.

Giacomo Leopardi sonhava em ir embora de Recanati e “nunca mais voltar”.

251

Em 1822, Giacomo Leopardi finalmente encontrou uma maneira para ir embora de Recanati. Ele passou uma temporada em Roma, hospedado na casa de um tio. Contrariamente ao que ele idealizara lendo os poetas latinos, Roma pareceu-lhe esquelética e provinciana, corrupta e cheia de prostitutas.

Giacomo Leopardi voltou a Recanati seis meses depois.

252

Ao voltar a Recanati, Giacomo Leopardi dedicou-se a uma “vida inteiramente e unicamente interior”. O resultado dessa “vida inteiramente e unicamente interior” foram os seus *Opúsculos Morais*.

Ao voltar ao Brasil, eu também me dediquei a uma vida inteiramente e unicamente interior. Meus *Opúsculos Morais* foram as garagens da avenida Vieira Souto. Tito e eu passávamos o dia ali, explorando seu interior.

Em sua garagem especulativa, Giacomo Leopardi dialogava com Torquato Tasso e com a Lua. Tito e eu dialogávamos com os porteiros dos prédios de Ipanema e com os utilitários da Toyota.

253

Em Recanati, entre 14 e 19 de maio de 1824, Giacomo Leopardi escreveu o *Diálogo de um Físico e de um Metafísico*, o décimo ensaio de seus *Opúsculos Morais*.

O Físico, inspirado na charlatanice médica de Tommaso Rangone, autor de *Como o Homem Pode Viver Mais de 120 Anos*, revela que descobriu o modo — *Eureka!* *Eureka!* — para se tornar imortal.

O Metafísico responde que só lhe interessa “a arte de viver pouco, porque se a vida é infeliz — e ela sempre foi assim — quanto mais breve ela se torna, melhor”.

254

A vida de Giacomo Leopardi foi breve.

Ele morreu aos trinta e oito anos, depois de comer, em uma única noite, um quilo e meio de balas de canela de Sulmona.

Retornando a Tommaso Rangone: o *cannellino di Sulmona* foi o alimento mais danoso à saúde de Giacomo Leopardi.

255



256

Na imagem anterior, Giacomo Leopardi morto.

257

Para Giacomo Leopardi, a infelicidade era o estado natural do homem.

Em *Diálogo de um Físico e de um Metafísico*, ele argumenta que “vida e infelicidade nunca se separam”.

Em *Diálogo de Torquato Tasso e de seu Espírito*, o Espírito resume a Teoria do Prazer de Giacomo Leopardi, explicando a Torquato Tasso que, como o “desejo do prazer é infinito, nenhum prazer real — por ser inevitavelmente finito — pode saciar o desejo”.

Em *Diálogo de Malambruno e de Farfarello*, Malambruno exprime o desejo de

“ser feliz ao menos por um momento”. Quando o diabólico Farfarello responde que isso é impossível, Malambruno conclui que a única forma de felicidade ao alcance do homem é a morte, porque só deixa de ser infeliz quem deixa de existir.

258

Giacomo Leopardi, que em Recanati era chamado de “corcunda de Montemorello”, usou a invalidez e a deformidade como metáfora de seu “pessimismo cósmico”.

Ele disse:

O que é a vida? A viagem de um manco e enfermo que, com um pesadíssimo fardo, caminha dia e noite, sem jamais repousar, pelas encostas de montanhas íngremes, na neve, no gelo, na chuva, no vento e no ardor do sol, até chegar à beira de um precipício ou de um fosso, e inevitavelmente cair.

259

O que era minha vida no Rio de Janeiro?

Era a viagem de um paralisado cerebral que, com seu andador, subia as rampas das garagens da avenida Vieira Souto, com cheiro de gasolina e de escapamento, até chegar à beira de um degrau e conseguir parar, antes de cair.

260

A felicidade era o estado natural de Tito.

Seu otimismo cósmico me contaminava. Dedicando-me “inteiramente e unicamente” a ele, eu também era feliz.

Eu deixara de existir.

261



262

Na imagem anterior, o homenzinho com cara de ovo está feliz — cosmicamente feliz.

263

Segundo Giacomo Leopardi, a felicidade sempre se encontra no passado ou no futuro — jamais no presente.

Fui cosmicamente feliz em 2004.

Se tivesse de indicar o momento de meu passado em que fui mais feliz, porém, escolheria o ano seguinte — 2005.

264

Nico nasceu em 16 de junho de 2005.

265

O nascimento de Nico, no Rio de Janeiro, foi o oposto do nascimento de Tito.

Ele foi poupado da *dottoressa* F. Ele foi poupado da amniotomia. Ele foi poupado da paralisia cerebral.

266

Depois de ter um nascimento que foi o oposto do nascimento de Tito, Nico se tornou o oposto de Tito.

Se um é atrasado, o outro é adiantado. Se um é torto, o outro é reto. Se um cai, o outro está sempre de pé. Se um é o comediante, o outro é o escada. Se um é Lou Costello, o outro é Bud Abbott.

Assim como Lou Costello, Tito é um *baaaaad boy*.

Nico é o oposto.

267



268

Na imagem anterior, Tito encontra Nico na maternidade.

Foi o melhor ato de nosso *vaudeville* doméstico.

269

Karel Bobath e Berta Busse recomendavam que, durante a terapia, o paralisado cerebral se observasse em um espelho.

Nico foi o espelho de Tito. Tito foi o espelho de Nico. Nico via sua imagem invertida em Tito. Tito via sua imagem invertida em Nico.

270

O mundo da paralisia cerebral de Tito era como o mundo através do espelho de Lewis Carroll: o tempo andava para trás, os seres inanimados ganhavam vida, as leis da Natureza eram subvertidas.

No mundo da paralisia cerebral de Tito, Nico desempenhava o papel de Alice.

Ele era um menino “sensato”. Ele era “exatamente igual às outras pessoas — dois olhos, o nariz no meio, a boca embaixo”.

Tito era exatamente o inverso das outras pessoas.

Ele era o homenzinho com cara de ovo do comunicador. Ele era Humpty Dumpty sentado no muro. Ele era Humpty Dumpty desequilibrando-se e caindo do muro.

271

Até o nascimento de Nico, Tito era praticamente mudo.

A dispraxia impedia-o de coordenar os movimentos do aparelho vocal.

Depois do nascimento de Nico, ele passou a falar sem parar.

272

As primeiras palavras de Tito foram, como as de Humpty Dumpty, “temperamentais, em particular os verbos”.

Se Humpty Dumpty dominava a linguagem de *Jabberwocky*, o poema invertido que tinha de ser lido no espelho, a linguagem de Tito era o próprio *Jabberwocky*.

Ele invertia a ordem das letras em uma palavra. Ele invertia a ordem das palavras em uma frase. Ele invertia a ordem das frases em um período.

273

Com o tempo, o *Jabberwocky* de Tito tornou-se menos impenetrável. Eu o compreendia. Minha mulher o compreendia. Nico o compreendia.

274

Nos últimos meses de 2005, Tito abandonou seu comunicador.

275



276

Na imagem anterior, Nico examina Lula.

No Natal de 2005, *Veja* pediu-me uma retrospectiva do ano.

O retrato de Nico, aos seis meses de idade, examinando Lula, ilustrava a retrospectiva.

Legenda do retrato:

Em junho, nasceu meu filho mais novo.

Cito uma passagem da retrospectiva:

Passei o ano todo amolando Lula. Dediquei-lhe mais de trinta artigos. Prometi derrubá-lo em 2005. Fracassei. Agora prometo derrubá-lo em 2006. Chegaram a atribuir motivos ideológicos à minha campanha contra o presidente da República. Não é nada disso. Só tentei derrubá-lo por esporte. Há quem pesque. Há quem cace. Eu não. Eu tento derrubar Lula. Ele é minha paca. Ele é minha anta.

Giacomo Leopardi chamou seu tempo de “tolo” e “estólido”.

Meu trabalho na imprensa consistia em repetir semanalmente que meu tempo era tolo e estólido.

Giacomo Leopardi chamou os habitantes de sua terra natal de “asnos” e “tratantes”.

Meu trabalho na imprensa consistia em repetir semanalmente que os habitantes de minha terra natal eram asnos ou tratantes.

Nos primeiros anos, eu soube conciliar meu empenho como jornalista com meu empenho como pai.

Isso mudou a partir de 2005.

Fui perdendo gradualmente o interesse pelos asnos e pelos tratantes de minha

terra natal. Só sobrou o interesse por minha vida doméstica.

O retrato de Nico, examinando o presidente da República, era uma maneira de reivindicar a supremacia da vida privada sobre a vida pública.

A paternidade tornou-se minha ideologia.

281



282

Na imagem anterior, Tito ergue Lula pelas orelhas.

283

Na mesma retrospectiva em que publiquei o retrato de Nico examinando Lula, publiquei também o retrato de Tito erguendo Lula pelas orelhas.

Legenda do retrato:

Em setembro, meu filho mais velho conseguiu dar dezesseis passos.

Se o evento mais marcante de 2005 foi o nascimento de Nico, os dezesseis passos de Tito foram o segundo evento mais marcante do ano.

284

Eu publiquei o retrato de Tito no Natal de 2005. David Cameron publicou o retrato de Ivan no Natal de 2008.

Ivan era o filho mais velho de David Cameron. Assim como Tito, ele tinha uma paralisia cerebral.

A escolha de publicar o retrato de Ivan tornou-se um dos temas mais marcantes do debate eleitoral na Inglaterra. David Cameron foi acusado de explorar politicamente a paralisia cerebral do filho.

285

David Cameron só deixou de ser acusado de explorar politicamente a paralisia cerebral de Ivan quando ele, Ivan, morreu.

286

Eu explorei a paralisia cerebral de Tito. Eu continuo a explorá-la.

287

O motivo pelo qual passei a explorar a paralisia cerebral de Tito foi o assunto de uma de minhas colunas:

Montaigne era um pai dedicado. Em um de seus mais célebres ensaios, ele discorreu sobre o afeto paterno, ostentando sua filha Léonor. Montaigne ostentou sua filha Léonor do mesmo jeito que eu ostentei meu filho Tito e Tom Cruise ostentou sua filha Suri. Léonor foi a Suri do Renascimento. Em outro de seus mais célebres ensaios, Montaigne argumentou que filosofar é aprender a morrer. Eu aprendi a morrer com a paternidade. Desde o dia em que Tito

nasceu, fui totalmente anulado por ele. Perdi a vontade própria. Deixei de existir. Só um morto pode deixar de existir. Se filosofar é aprender a morrer, a paternidade é a filosofia do homem comum, a filosofia dos pobres de espírito, a filosofia das massas. É a única filosofia ao alcance de gente como Tom Cruise e eu.

288

Em 1635, nasceu Rumbertus, o primeiro filho de Rembrandt van Rijn e sua mulher, Saskia. Com menos de dois meses de idade, ele morreu.

Em 1638, dois anos e meio depois da morte de Rumbertus, Rembrandt e Saskia tiveram uma filha. Seu nome era Cornelia. Ela morreu antes de completar duas semanas.

Em 1640, depois das mortes de Rumbertus e de Cornelia, Rembrandt e Saskia tiveram mais uma filha. Assim como a anterior, seu nome era Cornelia. Assim como a anterior, ela morreu prematuramente, aos dois meses.

Em 1641, depois das mortes de Rumbertus, da primeira Cornelia e da segunda Cornelia, Rembrandt e Saskia tiveram outro filho. Na quarta e última tentativa, finalmente deu certo. O menino sobreviveu.

Nome do sobrevivente: sim, Tito.

289

Rembrandt explorou seu filho Tito da mesma maneira que eu explorei meu filho Tito.

Ele o retratou lendo. Ele o retratou escrevendo. Ele o retratou com uma lente de aumento. Ele o retratou com uma espada e uma armadura.

Quando Tito tinha catorze anos, Rembrandt pintou-o fantasiado com uma boina preta e um brinco de pérola. Quando Tito tinha dezessete anos, Rembrandt pintou-o fantasiado com uma boina vermelha e uma corrente de ouro. Quando Tito tinha dezenove anos, Rembrandt pintou-o com uma boina preta e um bigode. Quando Tito tinha vinte e dois anos, Rembrandt pintou-o com uma boina preta e um casaco de pele.

290

291

Na imagem anterior, *Retrato de Tito Vestido de Monge*.

O quadro é de Rembrandt van Rijn. É de 1660.

292

Tito foi o principal modelo de Rembrandt.

Só o próprio Rembrandt, com seus setenta autorretratos — sempre se olhando através do espelho, com sua imagem invertida —, posou para mais obras do que ele.

Além de posar para retratos, Tito posou também, desde o seu nascimento, para outros quadros de seu pai, sobretudo aqueles inspirados em passagens bíblicas. Rembrandt representou-o como José, como Daniel, como o jovem Tobias.

Em *O Evangelista Mateus e o Anjo*, Tito é o anjo que sussurra na orelha do santo. Em *Cristo Sentado Disputando com os Doutores*, Tito é Jesus Cristo. Em *Cristo Retornando do Templo com Seus Pais*, Tito é Jesus Cristo. Em *Jesus aos Doze Anos Diante dos Escribas*, Tito é, novamente, Jesus Cristo.

293

Para Rembrandt, Tito era o Todo.

294

Se a história da arte pode ser dividida entre aqueles que cultuam Deus e aqueles que cultuam o Homem, como argumentou John Ruskin, Rembrandt é o herói de quem, a exemplo de mim, só cultua Tito.

295

John Ruskin:

A meta dos maiores pintores é pintar as coisas mais nobres que eles veem — à luz do sol. A meta de Rembrandt era pintar as coisas mais ordinárias que ele via — à luz de vela.

Segundo John Ruskin, Rembrandt se distinguia pela vividez de seus escuros e pela inexpressividade de sua luz. A cor de seus quadros era a cor do esgoto, a cor da sujeira. Em vez de iluminar a beleza, ele sombreava a feiura.

Quando pintou a Virgem Maria indo para o céu, Rembrandt preocupou-se apenas em ressaltar “o pelo de um asno de um vendedor ambulante”. Quando pintou um amontoado deforme de anjos deformes, ele mostrou “pés, em vez de rostos, e vergonha, em vez de honra”. Quando pintou o Bom Samaritano, ele posicionou “o Bom Samaritano de costas, distante, e em primeiro plano o cachorro do Bom Samaritano”, igualmente de costas, defecando.

296

Tito foi meu Rembrandt.

Sua paralisia cerebral obscureceu tudo o que eu sempre cultuara. Em particular, a literatura. O que se iluminou — o que se tornou o único foco de minha vida — foi o que ela tinha de mais ordinário, de mais doméstico, de mais familiar.

Naquele momento, eu via apenas os pés deformes de Tito dando seus dezesseis passos. E, em primeiro plano, eu via Nico defecando.

297

A melhor obra de Rembrandt, segundo John Ruskin, era seu autorretrato como o Filho Pródigo na taverna, em que ele está vestido de cavaleiro, com sua mulher, Saskia, sentada em seu joelho.

Rembrandt olha para nós através do espelho, ostentando irreverentemente sua intimidade, e ergue um copo de vinho, brindando à felicidade doméstica.

298



299

Na imagem anterior, *O Filho Pródigo na Taverna*, também conhecido como *Retrato do Artista com Sua Mulher Saskia*, de Rembrandt van Rijn.

O quadro é de 1635.

Rembrandt é o Filho Pródigo. Saskia é a prostituta.

300

John Ruskin notou que Rembrandt, em *O Filho Pródigo na Taverna*, poderia ter representado a nobreza do amor e da vida conjugal, porque era um dos maiores pintores de todos os tempos.

E o que ele fez?

Só iluminou o que era mais feio, evidenciando “os cantos e as pontas das coisas, e mesmo esses cantos e pontas, de maneira imperfeita e deforme”.

301

O Homem, para Rembrandt, é sempre imperfeito e deforme. É um corpo que cai.

302

Assim como Rembrandt, eu também ostentava minha intimidade e brindava à felicidade doméstica.

Minha felicidade doméstica era representada por um menino imperfeito e deforme, capaz de dar, naquele momento, dezesseis passos sem cair.

303

Marcel Proust. *Jean Santeuil*:

Tínhamos um desejo tão grande de compreender as opiniões de John Ruskin sobre Rembrandt que, somente por este motivo, fomos estudar inglês.

O que me fez compreender as opiniões de John Ruskin sobre Rembrandt foi a paralisia cerebral de Tito.

A paralisia cerebral de Tito tornou-se minha segunda língua.

304



305

Na imagem anterior, Marcel Proust em Veneza, no Canal Grande, olhando para minha janela.

306

Marcel Proust viajou a Veneza em 1900, usando como guia os livros de John Ruskin.

As caminhadas por Veneza e os livros de John Ruskin tornaram-se os temas centrais de seus próprios livros.

307

Nós viajavamos a Veneza todos os anos.

Se, no Rio de Janeiro, Tito caminhava com sua terapeuta, em Veneza, durante as férias, ele só caminhava comigo.

Ele ia à minha frente, com seus passos cambaleantes. Eu ia colado às suas costas, pronto para segurá-lo em caso de queda.

308

Marcel Proust comentou que uma caminhada por Veneza tinha o poder de “educar o espírito”, separando a “aristocracia intelectual” do “proletariado intelectual”.

Ao longo de *Em Busca do Tempo Perdido*, ele recorre constantemente a analogias entre as memórias “aristocráticas” de Veneza e as memórias “proletárias” de seus personagens.

Nas ruas de Veneza, espelham-se as ruas de Combray. Em um retrato de Gentile Bellini, espelha-se o rosto de Albert Bloch. Em uma pintura de Vittore Carpaccio, espelha-se o vestido de Albertine. Em um canal perdido, espelha-se a vida doméstica de Aubervilliers.

309

No último volume de *Em Busca do Tempo Perdido*, Marcel Proust pisa em falso e quase cai no pátio do castelo de Guermentes.

O incidente recorda-lhe suas caminhadas pelas lajotas desiguais de Veneza.

Subitamente, os eventos de seu passado encaixam-se como um mosaico, e ele é tomado por um sentimento de felicidade.

Ele compreende que as memórias de suas caminhadas por Veneza — com as imagens e as analogias que elas evocavam — podiam dar um sentido à sua vida.

310

Naquele instante, Marcel Proust pensa em escrever um livro sobre seu passado, porque para interpretar os sentimentos era necessário, antes de tudo, transformá-los em ideias, “convertendo-os em seu equivalente intelectual”.

O livro que ele pensa em escrever é o próprio *Em Busca do Tempo Perdido*.

311

Em nossas caminhadas por Veneza, Tito sempre pisava em falso.

Quando isso ocorria, eu era tomado por um sentimento de felicidade. Impedir uma queda de Tito em Veneza dava um sentido à minha vida.

312

O livro que converte meus sentimentos em seu equivalente intelectual é este aqui.

313



314

Na imagem anterior, Marcel Proust morto.

O retrato é de Man Ray. É de 1922.

315

Nas semanas anteriores à sua morte, Marcel Proust limitou-se a comer um croissant por dia.

Retornando a Tommaso Rangone: o alimento mais danoso à saúde de Marcel Proust foi o croissant.

316

Para Marcel Proust, uma caminhada por Veneza equivalia à leitura da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri.

317

Na *Divina Comédia*, Dante Alighieri está sempre contando o número de passos de um lugar até o outro:

Havia menos de cem passos entre nós.

Ou:

Demos dez passos para evitar a areia e as chamas.

Ou:

Caminhamos mil passos pela estrada solitária.

Ou:

Eles estavam a dez passos de distância.

Ou:

Três passos nos separavam.

Ou:

Depois de caminhararmos mil passos, eles ainda estavam ao alcance de uma pedra atirada por um bom arremessador.

318

Caminhando com Tito em Veneza, colado às suas costas, pronto para segurá-lo em caso de queda, eu contava cada um de seus passos como se recitasse Dante Alighieri:

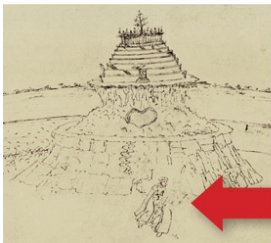
— *Uno... Due... Tre... Quattro... Cinque... Sei... Sette... Otto... Nove... Dieci... Undici... Dodici... Tredici... Quatordici... Quindici... Sedici...*

319

Quando Tito pisava em falso — e ele sempre pisava em falso —, eu o impedia de cair e voltava a contar do zero:

— *Uno... Due... Tre... Quattro... Cinque... Sei... Sette... Otto... Nove... Dieci... Undici... Dodici... Tredici... Quatordici... Quindici... Sedici...*

320



321

Na imagem anterior, Tito e eu nos preparamos para escalar — circularmente — o monte Purgatório, de Dante Alighieri.

O desenho é de Sandro Botticelli. É de 1480.

322

Os dezesseis passos que Tito deu em 28 de setembro de 2005 transformaram-se, alguns meses depois, em vinte e sete passos. Os vinte e sete passos transformaram-se, alguns meses depois, em quarenta e quatro passos. Os quarenta e quatro passos transformaram-se, alguns meses depois, em setenta e um passos. Os setenta e um passos transformaram-se, alguns meses depois, em cento e dezoito passos.

Cada passo de Tito encerrava-se em si mesmo. Cada passo de Tito era um breve capítulo de sua história.

323

Em 11 de janeiro de 2008, Tito deu trezentos e cinquenta e nove passos.

324

Comemorei o fato em uma coluna:

Edmund Hillary morreu em 11 de janeiro. No mesmo dia, meu filho deu trezentos e cinquenta e nove passos. Escalar o monte Everest, como fez Edmund Hillary, pode parecer um feito um tantinho mais notável do que dar trezentos e cinquenta e nove passos, como fez meu filho. Para quem tem uma paralisia cerebral como a dele, porém, dar trezentos e cinquenta e nove passos seguidos, sem ajuda, sem cair, sem espatifar os dentes, é um evento épico, pelo menos em nossa mitografia familiar. Se meu filho é Edmund Hillary, eu só posso ser seu sherpa, Tenzing Norgay. Ele cambaleia de um lado para o outro, com sua marcha incerta, progredindo lentamente de metro em metro, eu me mantenho na retaguarda, indicando-lhe o caminho menos acidentado e salvando-o das quedas. Os trezentos e cinquenta e nove passos de meu filho foram dados durante as férias, em Veneza. Já estamos planejando nossos próximos desafios. Em primeiro lugar, daremos trezentos e cinquenta e nove passos no Corcovado. Depois, trezentos e cinquenta e nove passos na Acrópole. Depois, trezentos e cinquenta e nove passos na Muralha da China. Depois, trezentos e cinquenta e nove passos no Deserto do Saara. Depois, trezentos e cinquenta e nove passos no monte Everest. Meu filho e eu daremos a volta ao mundo a pé, de trezentos e cinquenta e nove passos em trezentos e cinquenta e nove passos.

325

Os passos de Tito tornaram-se minha unidade de medida. Comecei a calcular todos os nossos deslocamentos a partir deles.

Em Veneza, durante as férias, o caminho de ida e volta até o Bar da Gino era percorrido em mil cento e noventa e quatro passos. O caminho de nossa casa até a Fondamenta delle Zattere, passando pela Calle Querini, onde morou Ezra Pound, era bem mais curto: quinhentos e vinte e sete passos.

No Rio de Janeiro, o caminho de nosso apartamento até o Posto 9 tinha quatrocentos e oitenta passos. O caminho de nosso apartamento até a piscina do Hotel Fasano tinha quinhentos e setenta e um passos.

326



327

Na imagem anterior, Tito e eu caminhamos em Veneza. Eu conto seus passos, um por um.

328

Cito uma passagem de meu quarto e último romance.

O protagonista, Pimenta Bueno, com o pé estropiado e incapaz de caminhar, é carregado nas costas por seu servo, Azor:

PIMENTA BUENO: Conte o número de passos até Utiariti.

AZOR: Um... Dois... Três...

PIMENTA BUENO: Q uero calcular a distância que nos separa de nossa meta.

AZOR: ... Seis... Sete... Oito...

PIMENTA BUENO: Devem faltar poucos quilômetros até lá.

AZOR: ... Dez... Onze... Doze...

PIMENTA BUENO: Estamos caminhando há mais de seis horas.

AZOR: ... Q uinze... Dezesseis... Dezessete...

PIMENTA BUENO: De acordo com meu mapa rodoviário, a esta altura já deveríamos ter chegado.

AZOR: ... Vinte... Vinte e um... Vinte e dois...

PIMENTA BUENO: Desconfie sempre dos mapas brasileiros.

AZOR: ... Vinte e quatro... Vinte e cinco... Vinte e seis...

PIMENTA BUENO: Erramos invariavelmente todas as medidas.

AZOR: ... Vinte e oito... Vinte e nove... Trinta...

PIMENTA BUENO: Falta-nos raciocínio matemático.

AZOR: ... Trinta e dois... Trinta e três... Trinta e quatro...

PIMENTA BUENO: Denotamos total falta de familiaridade com os números.

AZOR: Trinta e seis ou trinta e sete?

PIMENTA BUENO: Como assim?

AZOR: Perdi a conta.

PIMENTA BUENO: Perdeu a conta?

AZOR: Esqueci se dei trinta e seis ou trinta e sete passos.

PIMENTA BUENO: Comece novamente.

AZOR: Do zero?

PIMENTA BUENO: Do zero.

AZOR: Um... Dois... Três...

329

O romance era intitulado *Contra o Brasil*.

Foi publicado em 1998, dois anos antes do nascimento de Tito e dez anos antes que ele desse seus trezentos e cinquenta e nove passos.

330

Contando os passos de Tito em Veneza, eu podia até raciocinar, mas só “de vez em quando”, e podia até ter conhecimentos, mas apenas os que era capaz de colher “sem me curvar e sem fazer grande empenho”.

Contando os passos de Pimenta Bueno em Mato Grosso, por outro lado, eu só era capaz de exibir uma soberba acadêmica que podia “ser ensinada a qualquer escolar em menos de uma semana”.

331

Para Marcel Proust, a “vida verdadeira, a única vida plenamente vivida, era a

literatura”. Para mim, a vida verdadeira, plenamente vivida, passou a ser Tito. Depois de seu nascimento, repudiei minha literatura e fui ganhar dinheiro.

332

Cito-me:

Rimbaud espancava Verlaine. Eu invejo Rimbaud. Eu gostaria de ter espancado Verlaine. Eu gostaria de ter espancado qualquer poeta simbolista. Verlaine vingou-se de Rimbaud alguns anos mais tarde, em um quarto de hotel, dando-lhe dois tiros. Eu também invejo Verlaine. Faltava-lhe apenas um bocadinho de pontaria. Em 1875, Rimbaud repudiou a literatura e foi ganhar dinheiro. Em apenas dezesseis anos, ele fez tudo o que uma pessoa dotada de um pinga de honradez poderia querer fazer: entranhou-se no deserto etíope; comprou e vendeu escravos; negociou armas dos mais variados calibres, proporcionando o massacre de um monte de inocentes; pegou um tumor no joelho e teve a perna amputada; morreu sozinho em Marselha, com muitas dores e implorando ajuda a Deus, que caprichosamente se recusou a ajudá-lo.

333

Quando Tito deu trezentos e cinquenta e nove passos, em 11 de janeiro de 2008, eu ganhava dinheiro na *Veja*, escrevendo uma coluna por semana. Eu ganhava dinheiro também na *Veja Online*, fazendo um comentário por semana, e no *Manhattan Connection*, participando de um programa de TV por semana.

Eu me tornei o Rimbaud da paralisia cerebral. O jornalismo foi minha Etiópia.

334



335

Na imagem anterior, o material de propaganda do programa T4 comparando o gasto diário do Estado com um inválido — 5,50 reichsmarks — ao gasto diário de uma família com cinco membros — os mesmos 5,50 reichsmarks.

336

Alfred Hoche foi um dos inspiradores do programa T4.

Em 1920, em um opúsculo intitulado *O Aniquilamento da Vida Inútil de Ser Vivida*, ele calculou o peso financeiro da invalidez:

Estimei que o gasto médio anual para se manter um idiota tem sido de mil e trezentos marcos. Qualquer um pode avaliar a grande quantidade de recursos subtraídos da riqueza nacional para este fim improdutivo.

337

Vinte anos depois, os números do programa T4 foram detalhadamente analisados pelos economistas do Terceiro Reich.

Uma tabela conservada no centro de eutanásia de Schloss Hartheim — sim: comandado por Franz Stangl — calculava que o aniquilamento de 70.273 inválidos até 1º de setembro de 1941 produzira uma economia diária de 245.955,50 reichsmarks.

Isso equivalia, em um período de dez anos, a 400.244.520 quilos de alimentos, entre os quais: 189.737.160 quilos de batatas, 13.492.440 quilos de carnes e salsichas, 3.794.760 quilos de margarina, 531.240 quilos de bacon, 12.649.200 quilos de farinha, 5.902.920 quilos de geleia e, por último, 33.731.040 ovos.

338

Retornando a Tommaso Rangone: os alimentos mais danosos à saúde dos paralisados cerebrais aniquilados pelo programa T4 foram aqueles que eles deixaram de comer.

339

No processo que movemos contra o hospital de Veneza, tivemos de contabilizar — como os economistas do Terceiro Reich — todo o dinheiro gasto com a paralisia cerebral de Tito.

Entre fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, equoterapia, assistente de classe, ortopedista, neurologista, anestesista, exames médicos, botox, comunicador, andador, calhas ortopédicas, hospital de Nova York, hospital de Boston e despesas legais, Tito custava, em média, 230 reais por dia.

Isso equivalia, em dez anos, a 3.497.916 ovos.

340

Os paralisados cerebrais aniquilados pelo programa T4, em virtude do dinheiro que eles tomavam da sociedade, eram chamados de “sanguessugas” ou de “parasitas”.

O meu parasita foi Tito.

341

Segundo Ezra Pound, os verdadeiros parasitas que tomavam dinheiro da sociedade eram os judeus.

Quando lhe encaminharam uma carta pedindo seu apoio para proteger um pianista judeu, perseguido pelo nazismo, ele respondeu:

Indo direto ao ponto / USURA é o motivo pelo qual o homem ocidental periodicamente vomita os judeus / o JUDEU é um parasita por princípio / É

necessário defender-se contra os parasitas / HÁ quem se contente em ser um cordeiro / mas o HOMEM que rejeita ser um GOY do tosquiador judeu tem de se defender.

342

Eu me contentava em ser o cordeiro de Tito. Eu me contentava em ser tosquiado por meu usurário judeu.

343

Além de chamar os judeus de “parasitas”, Ezra Pound chamou-os também de “oleosos”, “selvagens”, “indolentes”, “imundos”, “vermes”, “piolhos”, “tumores”, “pestes”, “pragas”, “serpentes”, “verrugas” e “sífilis”.

344

Nos *Canto XLV*, publicado em 1936, Ezra Pound representou a arquitetura de Pietro Lombardo como o Bem e a usura como o Mal:

Pietro Lombardo não se fez com a usura

Nas mensagens que gravou de 1941 a 1943 para a rádio Roma, ele passou a representar Benito Mussolini como o Bem e os judeus como o Mal.

Para Ezra Pound, a usura era uma trama judaica para escravizar o mundo — a “judeusura”. O “sistema monetário hebraico”, segundo ele, “era o mais medonho instrumento de usura que existia”, e a “guerra dos judeus contra a Europa” era, na realidade, uma “guerra da usura contra a humanidade”. Quando um país morria, argumentou Ezra Pound, os “judeus multiplicavam-se como bactérias em um cadáver”. Por isso, ele recomendava uma “purga” contra os judeus, ou um “*pogrom* lá no alto”.

345



346

Na imagem anterior, Ezra Pound caminha na Fondamenta delle Zattere, em Veneza.

347

Em 6 de agosto de 2009, fui caminhar com Tito na Fondamenta delle Zattere.

Naquela viagem, eu decidira renunciar ao nosso velho apartamento no Palazzo Barbaro Wolkoff.

A fim de acumular dinheiro para Tito — meu usurário judeu —, eu teria de permanecer para sempre no Rio de Janeiro, trabalhando em jornalismo, e nunca mais poderia voltar a morar em Veneza.

348

352

Na imagem anterior, a reportagem de *Il Gazzettino* sobre o processo de Tito contra a *dottoressa* F e o hospital de Veneza.

Manchete:

“Menino ficou tetraplégico, ressarcimento milionário”.

353

A reportagem de *Il Gazzettino* informava que o tribunal civil de Veneza condenara o hospital de Santi Giovanni e Paolo ao pagamento de mais de 3.000.000 de euros de ressarcimento a um menino nascido em setembro de 2000.

A reportagem informava também que o tribunal acolhera integralmente os argumentos apresentados pelo advogado Romolo Bugaro, apontando a “impropriedade da conduta do pessoal médico” e responsabilizando a *dottoressa* F pela “amniotomia absolutamente contraindicada” e pelo “atraso na retirada do feto”.

354

Antonio, o mercador de William Shakespeare, livra-se de seu débito com Shylock, o usurário judeu, porque é representado no tribunal de Veneza por Portia, uma herdeira travestida de advogado de Pádua.

Eu me livreí de meu débito com Tito porque no tribunal de Veneza fui representado por Romolo Bugaro, um romancista travestido de advogado de Pádua.

355

Em seus primeiros dez anos, Tito custou-me 3.497.916 ovos.

Daquele dia em diante, ele passou a produzir seus próprios ovos, como o filho de Neil Young em sua granja.

356

Marcel Proust, no último volume de *Em Busca do Tempo Perdido*, é tomado por

um sentimento de felicidade porque a memória de suas caminhadas pelas lajotas desiguais de Veneza permite-lhe “ignorar as vicissitudes do futuro” e “tornar-se indiferente à morte”.

No caminho de volta da Fondamenta delle Zattere, depois de receber o telefonema de Romolo Bugaro, eu também fui tomado por um sentimento de felicidade. De um momento para o outro, o futuro de Tito passou a prescindir de mim. Eu já podia morrer.

357



358

Na imagem anterior, o funeral de Ezra Pound, em Veneza.

359

Em 1945, Ezra Pound foi preso e condenado por seus programas de rádio contra os parasitas judeus.

Depois de doze anos detido no hospital penitenciário de Saint Elizabeth, em Washington, ele foi solto e transferiu-se para Veneza, onde permaneceu até a morte.

Eu passei menos tempo no Rio de Janeiro do que Ezra Pound passou em Saint Elizabeth.

Depois de apenas oito anos, comecei a pensar em retornar a Veneza e

permanecer ali até a morte.

360

Tito estava bem no Rio de Janeiro. Nico estava bem no Rio de Janeiro. Anna estava bem no Rio de Janeiro. Eu estava bem no Rio de Janeiro.

Assim como voltávamos a contar do zero sempre que Tito pisava em falso e interrompia sua marcha, porém, Anna e eu precisávamos voltar a Veneza e, circularmente, retomar nossa vida de seu ponto de partida.

361

Agora revejo os retratos de nossos últimos meses no Rio de Janeiro.

Tito comemora seu aniversário em uma churrascaria. Nico joga futebol na escolinha do Flamengo. Tito segue um bloco de carnaval com seu andador. Nico avista uma baleia da janela de nosso apartamento. Tito está a caminho da escola em seu triciclo. Nico acompanha a retirada de um cadáver do porta-malas de um automóvel.

Nós estávamos bem no Rio de Janeiro. Nós estávamos prontos para ir embora.

362



363

Na imagem anterior, Tito em seu triciclo.

O triciclo foi o quarto meio de transporte de Tito.

364

Desembarcamos em Veneza em 4 de agosto de 2010.

365

Mark Twain desembarcou em Veneza em 20 de julho de 1867.

Ele comentou:

Esta velha cidade, a Rainha do Adriático, é realmente pitoresca. Se uma pessoa quer ir a uma igreja, a um teatro ou a um restaurante tem de tomar uma

gôndola. Deve ser o paraíso dos aleijados, pois ninguém aqui precisa usar as pernas.

366

Veneza era um paraíso para o meu aleijado.

Pela primeira vez, Tito podia transitar livremente de um lado para o outro, movendo-se de vaporetto.

Contrariamente a Mark Twain, ele usava também as pernas.

Acompanhado apenas por uma pessoa contratada para ajudá-lo a subir e descer as pontes, Tito caminhava diariamente com seu andador, por mais de quatro horas, passando por igrejas, teatros e restaurantes.

367

Durante a noite, segundo Mark Twain, Veneza conservava aquele ar de “grandeza de quinhentos anos atrás”. Na penumbra, ele ainda podia imaginá-la com suas “Desdêmonas e seus Shylocks”, com “seus valentes emplumados e suas belas senhoras”, com “suas nobres frotas e seus guerreiros retornando vitoriosamente das batalhas”.

Durante o dia, porém, Veneza só revelava os sinais de sua queda. Mark Twain chamou-a de “decadente”, “abandonada”, “esfarrapada”, “empobrecida”, “humilhada”, “esquecida” e “completamente desimportante”. A Rainha do Adriático, à luz do sol, recordava-lhe “um vilarejo alagado do Arkansas”.

368

Tito caminhava por Veneza exatamente como se caminhasse em um vilarejo alagado do Arkansas, alheio à sua glória e alheio à sua queda. O que lhe interessava era passear sozinho. O paraíso era um lugar em que Tito podia caminhar sem mim.

369



370

Na imagem anterior, Tito e Nico durante um alagamento em Veneza.

371

Christopher Nolan tinha uma paralisia cerebral.

Ele publicou seu livro de memórias, *Under the Eye of the Clock*, com menos de vinte e dois anos de idade.

Ao ser premiado pelo livro, ele anotou:

“Este é um evento histórico. Um aleijado está conquistando seu lugar na cena literária mundial.”

372

Eu também trabalhava em um livro de memórias sobre Tito.

O plano era terminá-lo com o relato de uma escalada do monte Everest, onde Tito daria trezentos e cinquenta e nove passos.

O meu aleijado conquistaria o mundo. Um evento histórico.

373

Christopher Nolan era mudo.

Em seus primeiros anos, ele só se comunicava movendo os olhos para cima. Quando ele movia os olhos para cima, seus pais sabiam que ele estava dizendo “sim”.

Sim: ele era capaz de dizer apenas “sim”.

374

Aos onze anos, o pai de Christopher Nolan prendeu-lhe uma haste na testa.

A partir daquele instante, ele passou a se comunicar por escrito, baquetando com a ponta da haste o teclado de uma máquina de escrever.

375



376

Na imagem anterior, Christopher Nolan e seu pai Joseph Nolan.

Em seu livro de memórias, Christopher Nolan narrou como os outros meninos da Mount Temple School, em Dublin, o viam.

Eles o chamavam de “esquisito”, de “idiota”, de “retardado”. Eles se perguntavam “se o aleijado usava fralda”. Eles faziam comentários sobre sua “debilidade mental”. Eles se negavam a admitir que alguém como ele estudasse em uma escola para meninos normais.

O isolamento de Christopher Nolan na Mount Temple School inspirou o R.E.M. a compor uma música vergenhosamente sentimental:

Those kids are looking at me

They're laughing

What do I do?

What can I say?

I'm not supposed to be like this

But it's okay

Com o tempo, vendo-o todos os dias, os meninos da Mount Temple School habituaram-se a Christopher Nolan.

Com Tito também foi assim.

O jornaleiro do Campo San Vio via-o todos os dias. O velho quitandeiro via-o todos os dias. O barbeiro via-o todos os dias. O amigo de minha mulher via-o todos os dias. O homem com os dois cachorros via-o todos os dias.

Os moradores de nosso vilarejo alagado do Arkansas habituaram-se a Tito.

O plano de conquistar o mundo com Tito, de trezentos e cinquenta e nove passos em trezentos e cinquenta e nove passos, ruíu rapidamente.

Agora meu único propósito era ilhar-me em uma pequena área que se estendia da ponte da Accademia ao Campo della Salute, delimitada pelo Canal Grande e

pela Fondamenta delle Zattere.

Tito memorizara todas as lajotas desiguais de nosso vilarejo. A memória dessas lajotas desiguais impedia suas quedas. Em vez de trilhar novos caminhos, eu ambicionava apenas que ele trilhasse velhos caminhos. Em vez de pisar em terreno desconhecido, eu ambicionava apenas que ele pisasse em terreno conhecido.

O meu mundo passara a terminar no ponto em que terminavam os passos de Tito.

381

Como disse Gertrude Stein sobre Ezra Pound: “eu vivia em um vilarejo, e o meu mundo se tornou uma espécie de vilarejo”.

382



383

Na imagem anterior, Tito na Fondamenta delle Zattere.

Durante o outono e o inverno, ele pode ir desacompanhado à escola, porque há rampas nas pontes.

384

Na Mount Temple School, Christopher Nolan estudou com os membros do U2.

Eles lhe dedicaram uma música, intitulada *Miracle Drug*:

*I've had enough of romantic love
I'd give it up, yeah, I'd give it up
For a miracle drug*

385

A música é uma homenagem ao remédio que atenuou a espasticidade de Christopher Nolan, ajudando-o a datilografar com a testa.

Nome do remédio: Lioresal.

386

O U2 cita o Evangelho de Mateus em *Miracle Drug*:

*In science and in medicine
"I was a stranger, you took me in".*

A música reproduz a passagem do Juízo Final em que Jesus Cristo, assim como Josef Mengele, encaminha à direita aqueles que merecem ser salvos e à esquerda aqueles que merecem arder no fogo eterno.

Os cientistas e os médicos que desenvolveram o Lioresal, segundo o U2, mereciam ser encaminhados ao Reino dos Céus.

387

Tito nunca tomou Lioresal. Ele nunca tomou remédio algum. Ninguém foi capaz

de desenvolver um remédio que pudesse ser-lhe útil. O remédio milagroso de Christopher Nolan foi desenvolvido noventa anos atrás. Os portadores de paralisia cerebral continuam a ser tratados com remédios de noventa anos atrás.

388



389

Na imagem anterior, *Abbott and Costello Meet Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Lou Costello é transformado em um rato de laboratório.

390

Dois anos depois do nascimento de Tito, os cientistas do Medical College of Georgia aplicaram células-tronco em ratos de laboratório com paralisia cerebral e conseguiram recuperar uma parte de seus movimentos.

391

Os resultados dos primeiros experimentos com ratos de laboratório fizeram com que as células-tronco passassem a ser vistas como um remédio milagroso.

Na China, na Rússia, na Costa Rica, na República Dominicana, na Turquia e em Chipre surgiram consultórios médicos anunciando a cura da paralisia cerebral com células-tronco provenientes da pele, da medula espinhal, do sangue, da gordura, do tecido animal, da placenta e de fetos abortados.

O custo médio do tratamento nesses consultórios médicos, segundo um estudo realizado em 2008, era de 21.500 dólares.

392

Dez anos depois do nascimento de Tito, um documento publicado em *The Scientist* alertou contra os riscos do “turismo das células-tronco”. De acordo com os autores do documento, os portadores de paralisia cerebral que peregrinavam a esses consultórios médicos em busca de um remédio milagroso expunham-se a tratamentos “desprovidos de provas científicas, de regras e potencialmente perigosos”.

O documento de *The Scientist* chamou as curas com células-tronco de “charlatanismo médico”. O remédio milagroso era uma “fraude”.

393

O remédio milagroso de Christopher Nolan também foi uma fraude.

Ele morreu antes de completar quarenta e quatro anos, com um naco de salmão entalado na garganta.

Retornando a Tommaso Rangone: o alimento mais danoso à saúde de Christopher Nolan foi o salmão.

394



395

Na imagem anterior, Tommaso Rangone no portal da Igreja de San Giuliano.

A escultura é de Jacopo Sansovino. É de 1554.

Tommaso Rangone está segurando um ramo de guaiacum, o principal ingrediente de seu remédio milagroso contra a sífilis.

396

Christopher Nolan, em suas memórias, sempre se compara a James Joyce.

Se um trata da paralisia cerebral, o outro trata da paralisia geral, provocada pelo bacilo da sífilis.

397

A Dublin de James Joyce, a exemplo da Veneza de Tommaso Rangone, era povoada por marinheiros sífilíticos, soldados sífilíticos, prostitutas sífilíticas.

Em *Ulisses*, James Joyce usou a paralisia morbosa provocada pelo bacilo da sífilis como um símbolo da paralisia intelectual e moral de seu tempo. O episódio do bordel de Bella Cohen, narrado, segundo ele mesmo, “em um ritmo que é o ritmo da ataxia locomotora”, é o que melhor representa esse mundo imobilizado.

Tito foi o meu bordel de Bella Cohen.

398

O tema de *Ulisses* é a paralisia. O tema de *Finnegans Wake* é a queda.

Há a queda de Humphrey Chimpden Earwicker — no Phoenix Park. Há a queda de Humpty Dumpty — o ovo. Há a queda de Shaun — no rio. Há a outra queda de Shaun — igualmente rio. Há a queda de Finn MacCool — de patins. Há a queda de Eva — no Jardim do Éden. Há a queda de Issy e a queda de Troia.

Ninguém sabe cair melhor do que James Joyce. Só Lou Costello.

399

Há mais uma queda em *Finnegans Wake*: Tim Finnegan, embriagado, cai da escada e morre.

Depois ressuscita, como Tito.

400

Em *Finnegans Wake*, James Joyce baseou-se na teoria de Giambattista Vico, segundo o qual “a História segue determinadas fases, e a lei que a governa repete-se eternamente”. A humanidade, para Giambattista Vico, passa da Idade dos Deuses à Idade dos Heróis, da Idade dos Heróis à Idade dos Homens, da Idade dos Homens à Idade dos Deuses, e assim por diante, repetindo invariavelmente, com seus cursos e recursos, o mesmo ciclo de nascimento, progresso, queda e ressurreição.

A *Storia Ideal Eterna* de Giambattista Vico é assim: circular.

401

Agora Tito e eu estamos no Campo Santi Giovanni e Paolo.

Eu quero mostrar-lhe o hospital de Veneza. Eu quero voltar — circularmente —

ao local de seu nascimento. Eu quero reviver sua primeira queda.

402

Tito caminha sozinho rumo ao hospital de Veneza. Eu caminho ao lado dele, pronto para segurá-lo em caso de queda.

403

Conto os passos de Tito como se recitasse Dante Alighieri:

— *Uno... Due... Tre... Quattro... Cinque... Sei... Sette... Otto... Nove... Dieci... Undici... Dodici... Tredici... Quattordici... Quindici... Sedici...*

404

Tito e eu passamos pela estátua de Bartolomeo Colleoni.

John Ruskin. *As Pedras de Veneza*:

Não creio que exista no mundo uma escultura mais gloriosa do que a estátua equestre de Bartolomeo Colleoni.

405



406

Na imagem anterior, a estátua equestre de Bartolomeo Colleoni, de Andrea Verrocchio.

A fotografia é de John Ruskin. É de 1871.

407

Se Andrea Verrocchio fez a estátua equestre mais gloriosa do mundo, posso dizer que eu fiz o menino com o pé equino mais glorioso do mundo.

408

Tito continua a cavalgar rumo ao hospital de Veneza:

— ... *Duecentododici... Duecentotredici... Duecentoquattordici...*
Duecentoquindici... Duecentosedici... Duecentodiciasette...

409

Depois de duzentos e dezoito passos, Tito pisa em falso e quase cai nas lajotas desiguais do Campo Santi Giovanni e Paolo.

Eu evito sua queda e volto a contar do zero.

410

Giacomo Leopardi, em seu último poema, intitulado *A Giesta*, narra a queda de uma maçã sobre um formigueiro, que destrói em um instante o resultado de todo o engenho e de toda a fadiga das formigas.

Eu sou a formiga de Tito. Suas quedas recordam-me permanentemente da precariedade e da transitoriedade de tudo o que eu tentei construir.

411

Agora Tito e eu estamos diante da Scuola Grande di San Marco, porta de entrada do hospital de Veneza.

Mostro-lhe a melhor escultura de sua fachada, *Guarigione di Aniano*, em que Marcos, o Evangelista, está aplicando seu remédio milagroso em um sapateiro mutilado.

412



413

Na imagem anterior, *Guarigione di Aniano*.

A escultura é de 1488. É de Tullio Lombardo.

Tullio Lombardo era filho de Pietro Lombardo.

414

Assim como Pietro Lombardo realizou a Scuola Grande di San Marco com seu filho Tullio, eu estou realizando este livro com meu filho Tito.

É só o que eu posso realizar.

415

Tito e eu subimos a rampa para inválidos e entramos na Scuola Grande di San Marco.

416

Passamos pela portaria do hospital de Veneza e atravessamos o antigo átrio da Scuola Grande di San Marco, que está deserto.

417

— ... *Trecentocinquantaquattro...* *Trecentocinquantacinque...*
Trecentocinquantasei... *Trecentocinquantasette...* *Trecentocinquantotto...*
Trecentocinquantanove...

418

Chegamos ao claustro em que vi Tito pela primeira vez, dentro da incubadora, com um tubo no nariz e o rosto verde.

419



420

Na imagem anterior, Tito no claustro do convento dos Dominicanos.

421

Quando vi Tito na incubadora, no dia de seu nascimento, compreendi que o amaria e o acudiria para sempre.

De lá para cá, nada mudou.

Eu o amarei para sempre. Eu o acudirei para sempre.

422

Pietro Lombardo e seu filho Tullio Lombardo foram contratados, em 1483, para esculpir a tampa do sarcófago de Dante Alighieri.

Eles retrataram Dante Alighieri com aspecto meditativo, com o dedo mindinho no canto da boca, compondo os versos da *Divina Comédia*.

423

Eu continuo a contar os passos de Tito como se recitasse Dante Alighieri:

— ... *Quattrocentodiciotto... Quattrocentodicianove... Quattrocentoventi... Quattrocentoventuno... Quattrocentoventidue... Quattrocentoventitre...*

424

Quatrocentos e vinte e quatro passos.

Tito nunca caminhou tanto assim. Um bom arremessador ainda podia atingi-lo com uma pedra, como disse Dante Alighieri no Canto III de seu *Purgatório*. Mas eu, com o dedo mindinho no canto da boca, medito que um bom arremessador pode atingir qualquer pessoa com uma pedra, por mais que ela caminhe.

Tito retoma sua caminhada. Eu paro de contar seus passos.

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, rj

M191q Mainardi, Diogo, 1962-

A queda / Diogo Mainardi. – Rio de Janeiro : Record, 2012.

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-40137-3 (recurso eletrônico)

1. Tito, 2000-. 2. Crianças com paralisia cerebral – Biografia. 3. Pais e filhos. I. Título.

CDD 926.1892836

CDU 929:616.8-009.12-053.2

Copyright © by Diogo Mainardi, 2012

Capa e miolo: Regina Ferraz

Imagens: p. 6 Hans-Peter Klut © 2012. Photo Scala, Florença / BPK, Bildagentur für Kunst, Kultur und Geschichte, Berlim; p. 9 © 2012 Ubisoft Entertainment. Todos os direitos reservados. Assassin's Creed, Ubisoft e logo Ubisoft são marcas registradas de Ubisoft Entertainment nos EUA e/ou em outros países; p. 12 Archivio Cameraphoto Epoche / Getty Images; p. 15, 17, 24, 29, 35, 50, 57, 64, 69, 71, 74, 79, 83, 85, 87, 89, 91, 93, 98, 99, 102, 104, 119, 128, 132, 134, 138, 149 Arquivo pessoal; p. 22 Tintoretto (Robusti, Jacopo 1518-1594): Trafugamento Del Corpo de San Marco. Venice, Accademia. © 2012. Photo Scala, Florença – cortesia de Ministero Beni e Att. Culturali; p. 32 Cortesia da MGM Licensing; p. 39 Everett / Latinstock; p. 42 Bundesarchiv / Berlin; p. 47 Akg – Images / Newscom; p. 51, 53, 147 Akg – Images / Latinstock; p. 60, 81, 140 Cortesia de Universal Studios Licensing LLC; p. 67 © Andrew Whittuck, 1969; p. 77 Foto Aleksandar Jovic / Dreamstime; p. 96 Leemage / Getty Images; p. 107 Rijksmuseum, Amsterdam. Adquirido mediante apoio de Vereniging Rembrandt; p. 110 Nicolas Pioch / Web Museum; p. 112 © Harlingue / Roger-Viollet; p. 115 © Man Ray Trust / Adagp – Autvis / Telimage – 2012; p. 126, 130 Corbis / Latinstock; p. 136 © Simon Townsley / Rex Features; p. 142 Fotografia de Andrea Jemolo; p. 145 © University of Oxford – Ashmolean Museum

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40137-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações
sobre
nossos lançamentos e nossas
promoções.

Atendimento e venda direta ao
leitor:

mdireto@record.com.br ou (21)
2585-2002.



Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S. A.

A Q UEDA

Livros do autor

- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=4188

Entrevista com o autor sobre o livro A tapas e pontapés

- http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=4188&id_entrevista=186

Página do livro no Skoob

- <http://skoob.com.br/livro/254819-a-queda>

Página na Wikipédia sobre o autor

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Diogo_Mainardi

Coluna que o autor escrevia no site da Veja

- <http://veja.abril.com.br/blog/mainardi/>

Resenha do livro no site da Veja

- <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/uma-queda-para-o-alto>

Página na Wikipédia sobre o programa Manhattan Connection

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Manhattan_Connection

Página do autor no Facebook

- <http://www.facebook.com/pages/Diogo-Mainardi/162569953605>

Resenha sobre seu outro livro, A tapas e pontapés

- http://veja.abril.com.br/031104/p_146.html

Participação do autor no Programa do Jô

- <http://www.youtube.com/watch?v=DQq7M-sdwEM>